



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CEDUC
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

IANKA OLIVEIRA DANTAS

**NAS TRILHAS DO *TIKTOK* – LUGARES DAS MULHERES: ENSINO DE HISTÓRIA
E TECNOLOGIAS DIGITAIS**

**CAMPINA GRANDE
2023**

IANKA OLIVEIRA DANTAS

**NAS TRILHAS DO *TIKTOK* – LUGARES DAS MULHERES: ENSINO DE HISTÓRIA
E TECNOLOGIAS DIGITAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso (artigo)
apresentado ao Departamento do curso de
História da Universidade Estadual da Paraíba,
como requisito parcial à obtenção do título de
Licenciatura Plena em História.

Orientador: Prof.^a Dr.^a. Patrícia Cristina de Aragão

**CAMPINA GRANDE
2023**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

D192n Dantas, Ianka Oliveira.
Nas trilhas do Tiktok - lugares das mulheres [manuscrito] : ensino de história e tecnologias digitais / Ianka Oliveira Dantas. - 2023.
56 p. : il. colorido.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2024.
"Orientação : Profa. Dra. Patrícia Cristina de Aragão , Coordenação do Curso de História - CEDUC. "

1. Mídias digitais. 2. Ensino médio. 3. Metodologias ativas.
4. Gênero. I. Título

21. ed. CDD 372.89

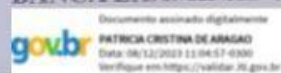
IANKA OLIVEIRA DANTAS

NAS TRILHAS DO TIKTOK – LUGARES DAS MULHERES: ENSINO DE
HISTÓRIA E TECNOLOGIAS DIGITAIS

Trabalho de Conclusão de Curso
(monografia) apresentado ao
Departamento do curso de História da
Universidade Estadual da Paraíba, como
requisito parcial à obtenção do título de
Licenciatura Plena em História.

Aprovada em: 22/11/2023

BANCA EXAMINADORA



Profa. Dr^a. Patrícia Cristina de Aragão (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Raphaela Hildita de Sá Guedes Deodato

Profa. Me. Raphaela Hildita de Sá Guedes Deodato
Faculdade de Ciências Humanas do Sertão Central (FACHUSC)

Gildivan Francisco das Neves

Prof. Dr. Gildivan Francisco das Neves
Universidade Estadual da Paraíba (DH UEPB)

À minha mãe, Maria Hilba de Oliveira Dantas,
pela dedicação, companheirismo e amizade,
DEDICO.

“As histórias importam. Muitas histórias importam. As histórias foram usadas para espoliar e caluniar, mas também podem ser usadas para empoderar e humanizar” (Chimamanda Ngozi Adiche, 2019, p.32)

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	– Perfil de Nina Baiocchi.....	38
Figura 2	– Representação de Frida.....	40
Figura 3	- Representação de Cleópatra.....	40
Figura 4	Representação de Joana D’arc.....	41
Figura 5	Representação da Rainha Elizabeth.....	41
Figura 6	Perfil fgv.oficial.....	42
Figura 7	Vídeo aprenda sobre as 3 ondas do feminismo.....	43
Figura 8	Perfil @seligaenemvestiibulares.....	45
Figura 9	Vídeo o que o feminismo defende?.....	46

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	08
2 AS TECNOLOGIAS DIGITAIS E O USO DO CELULAR NA EDUCAÇÃO	11
2.1 As tecnologias digitais e novas facetas na educação e no ensino	11
.....	
2.2 As linguagens digitais e o ensino de História.....	18
2.3 Os dispositivos móveis e as novas maneiras de educar na escola: reflexões	24
3 ENSINO DE HISTÓRIA E GÊNERO: ABORDAGEM A PARTIR DO <i>TIK TOK</i>	
.....	31
3.1 As mulheres na história: breve abordagem	32
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
REFÊRENCIAS.....	49

NAS TRILHAS DO *TIKTOK* – LUGARES DAS MULHERES: ENSINO DE HISTÓRIA E TECNOLOGIAS DIGITAIS

Ianka Oliveira Dantas

RESUMO

Este estudo tenciona discutir o papel formativo das tecnologias digitais, através da rede *TikTok* na abordagem sobre mulheres a partir da utilização do celular nas aulas de História no ensino médio. As discussões sobre as mulheres na rede *TikTok* possibilitam articular as mídias digitais como recurso que auxilia no processo de ensino-aprendizagem. Compreende-se a plataforma digital *TikTok* como uma ferramenta tecnológica que contribui para o ensino de História em sala de aula abordando temática de gênero, através dos dispositivos moveis. O estudo centrou-se na problemática: de que maneira as tecnologias digitais propiciam a aprendizagem da História através da temática de gênero e a partir da plataforma *TikTok* mediada através do aparelho celular? O trabalho está situado na área da Cultura da Educação, na abordagem do Ensino de História e as tecnologias digitais sobre a temática de gênero, através das discussões dos autores Lemos (2003); Santaella (2002) Vera Candau (2000); Grossi e Fernandes (2014); Pimenta (2017); Kenski (2012); Moran (2018); Ramos do ó (2007); Libâneo (2011); Freire (2018); Prensky (2001); Adiche (2015); Perrot (2019); Dietz (1999); Koselleck (2006); Arendt (1995); De Miguel (2013) and Hooks (2013). A metodologia utilizada foi uma pesquisa qualitativa do tipo pesquisa exploratória articulada com a pesquisa bibliográfica e documental. As fontes utilizadas foram a rede *TikTok*, os documentos para leituras e as imagens dos vídeos presentes na rede. A partir das observações e análises podemos notar a importância de unir a educação com o mundo digital para proporcionar uma educação mais dinâmica e criativa, incluindo conteúdos que abordem sobre mulheres nas aulas de história com o objetivo de educar jovens com consciência social e que busque a equidade. Os resultados apontam para uma educação mais justa e inclusiva, onde os alunos serão incentivados a criar e desenvolver pensamentos críticos e serem ativos na construção de uma sociedade igualitária e empática.

Palavras-Chave: Mídias digitais. Ensino Médio. Metodologias ativas. Gênero.

ABSTRACT

This study intends to discuss the formative role of digital technologies, through the TikTok network, in approaching women through the use of cell phones in history classes in high school. Discussions about women on the TikTok network make it possible to articulate digital media as a resource that assists in the teaching-learning process. We understand the digital platform TikTok as a technological tool that contributes to teaching History in the classroom, addressing gender issues, through mobile devices. The study focused on the problem: how do digital technologies facilitate the learning of history based on the theme of gender and from the TikTok platform mediated through the cell phone? The work is located in the area of Education Culture, in the approach of teaching History Teaching and digital technologies on the topic of gender, through discussions by the authors Lemos (2003); Santaella (2002) Vera Candau (2000); Grossi

and Fernandes (2014); Pimenta (2017); Kenski (2012); Moran (2018); Ramos do Ó (2007); Libâneo (2011); Freire (2018); Prensky (2001); Adiche (2015); Perrot (2019); Dietz (1999); Koselleck (2006); Arendt (1995); De Miguel (2013) and Hooks (2013). The methodology used was qualitative exploratory research articulated with bibliographic and documentary research. The sources used were the TikTok network, documents for reading and images from videos present on the network. From observations and analyzes we can note the importance of combining education with the digital world to provide a more dynamic and creative education, including content that addresses women in history classes with the aim of educating young people with social awareness and that seek equity. The results point to a fairer and more inclusive education, where students will be encouraged to create and develop critical thoughts and be active in building an egalitarian and empathetic society.

Keywords: Digital media. High school. Active methodologies. Gender.

1 INTRODUÇÃO

A proposta do nosso trabalho é discutir sobre o ensino de História e as tecnologias digitais através da rede *TikTok*, abordando a temática das mulheres com o intuito de educar as novas gerações de estudantes de História no ensino médio sobre gênero, ensino de História e tecnologias digitais.

Ao longo do curso observei a importância de trabalhar e ensinar sobre os movimentos sociais em sala de aula uma vez que eles desempenham um papel fundamental na sociedade. Ensinar sobre os movimentos sociais estimula o pensamento crítico e o engajamento dos alunos na construção de uma sociedade mais justa e inclusiva. A luta das mulheres foi e vem sendo uma luta histórica, cultural, social e política. Educar é um ato político, falar sobre as mulheres para as turmas de ensino médio é uma forma de conscientizar historicamente sobre esse papel educacional das mulheres, buscando o respeito dos estudantes que estão em sala e abordar a importância da luta das mulheres na sociedade.

A ideia deste estudo e pesquisa surgiu através de observações para a disciplina de Estágio Supervisionado em História III, da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB Campus I- Campina Grande – PB. Analisando a turma, pude perceber como a grande maioria utiliza o aparelho celular de forma excessiva e, através dessas observações, consegui desenvolver alguns pontos pensando na melhoria do ensino de História, como a utilização das Tecnologia da Informação e da Comunicação-TICs e metodologias ativas. Por grande parte da turma possuir o aplicativo *TikTok*, ele serviu de base para o desenvolvimento da pesquisa, juntamente com a pesquisa bibliográfica documental.

O *TikTok* é uma mídia social chinesa que permite a criação e compartilhamento de vídeos curtos, possuindo um maior alcance entre os jovens, além de permitir a criação e o compartilhamento de vários conteúdos. A rede apresenta contribuições significativas para a aprendizagem criativa, além de promover uma maior interação entre os alunos e o processo de construção do próprio conhecimento, permitindo o desenvolvimento de competências e habilidades educacionais.

A aula de História mediada pelo recurso do *TikTok* poderá conduzir os alunos a uma melhor compreensão dos conteúdos unindo o livro didático, o conteúdo e o celular de forma dinâmica, permitindo que professores e professoras trabalhem o tema em sala de aula.

Pretendemos mostrar e discutir como a rede *TikTok* pode ser um meio de debate em sala de aula de História sobre as questões relativas às mulheres mediatizadas pelo ambiente digital, onde os professores e as professoras irão utilizar a rede para debater o conteúdo, contribuindo a intervenção pedagógica sobre a temática de gênero e tecnologias.

Se torna importante trabalhar através das tecnologias com os alunos por estas permitirem uma maior aproximação deles com o cotidiano. O uso adequado da tecnologia, juntamente com habilidades pedagógicas pode proporcionar um ambiente de aprendizagem enriquecedor e que consegue preparar os alunos para o mundo moderno, possuindo uma maior rede de acesso a determinados conteúdos.

É necessário lembrar que a tecnologia é apenas uma ferramenta e que o professor continua sendo fundamental no processo de ensino-aprendizagem. A introdução das ferramentas tecnológicas na mediação pedagógica tem o propósito de auxiliar no processo ensino-aprendizagem, proporcionando aos alunos maior envolvimento e autonomia na construção do seu próprio aprendizado, a autoaprendizagem (Silva, 2018).

A tecnologia vem desempenhando papéis cada vez mais importantes no ensino, buscando desenvolver a forma como os alunos aprendem e como os professores ensinam, proporcionando uma educação interativa e personalizada onde o aluno será protagonista. Em uma nova sociedade, chamada a Era da Informação, onde as pessoas passam 24 horas compartilhando conteúdo e interagindo entre si, a aprendizagem é planejada para além dos ambientes escolares, uma vez que agora o saber pode ser adquirido sob múltiplas perspectivas, inclusive por meio das conexões na rede global (Siemens, 2014).

Como objetivo geral da pesquisa iremos tentar compreender a plataforma digital *TikTok* como uma ferramenta tecnológica que contribui para o ensino de História em sala de aula, abordando a temática de gênero, através dos dispositivos móveis.

Pretendemos discutir como objetivos específicos as tecnologias digitais e sua relação com a Educação e o ensino de História, mostrar suas contribuições para a sala de aula, analisar o papel formativo das tecnologias digitais através de metodologias ativas na sala de aula e refletir sobre as questões de gênero através da plataforma digital do *TikTok*, tomando como mediação o uso do aparelho celular, notabilizando a importância deste debate para a aprendizagem de História.

Como questão norteadora da pesquisa apresentamos o seguinte questionamento: de que maneira as tecnologias digitais propiciam a aprendizagem da História a partir da temática de gênero, a partir da plataforma digital do *TikTok*, mediada através do aparelho celular?

O trabalho está situado na área da Cultura da Educação, na abordagem do Ensino de História e as tecnologias digitais sobre a temática de gênero.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa do tipo pesquisa exploratória, na qual foi trabalhada a pesquisa de análise de conteúdo e o conteúdo da rede *TikTok* para discutir sobre as mulheres na rede *TikTok* no campo do ensino. A pesquisa qualitativa busca compreender e interpretar características sociais complexas, é uma pesquisa focada em entender aspectos mais subjetivos.

Segundo Denzin e Lincoln (2006), a pesquisa qualitativa envolve uma abordagem interpretativa do mundo, o que significa que seus pesquisadores estudam as coisas em seus cenários naturais, tentando entender os fenômenos em termos dos significados que as pessoas a eles conferem. A pesquisa é marcada por desejar compreender a complexidade e subjetividade de um determinado aspecto, é bastante utilizada em áreas como a Educação, Sociologia, Psicologia, Antropologia, entre outras.

A pesquisa também é bibliográfica e tem a finalidade de aprimoramento e atualização do conhecimento, vem de uma análise científica de obras já publicadas. Os instrumentos que auxiliam na realização da pesquisa bibliográfica são: artigos científicos, dissertações, teses, livros, revistas e outros tipos de fontes escritas que já foram publicados. De acordo com Fonseca (2002) a pesquisa bibliográfica é realizada:

[...] a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem, porém, pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta. (Fonseca, 2002, p.32).

A pesquisa busca se basear no estudo da teoria já publicada. Na pesquisa bibliográfica é essencial que o pesquisador leia, reflita e escreva sobre o que pesquisou e estudou. As fontes

utilizadas foram a rede *TikTok*, os documentos para leituras e as imagens dos vídeos presentes na rede. As imagens são essenciais para conseguir ter uma melhor visualização do assunto trabalhado, e é importante para a História por tratar, muitas vezes, de um momento histórico. Fontes visuais históricas, denominada por alguns historiadores como iconográficas ou pictóricas relatam imagens que dizem respeito a algum acontecimento histórico.

A monografia está organizada em dois capítulos. O primeiro capítulo, intitulado *As Tecnologias digitais e o uso do celular na educação*, traz a discussão acerca das tecnologias e o ensino de História. No segundo capítulo *Ensino de História e gênero: abordagem a partir do Tiktok*, abordamos o gênero e a importância do debate sobre as mulheres a partir do *TikTok* e como se pensar uma intervenção pedagógica que trabalhe essas questões em sala de aula.

2 AS TECNOLOGIAS DIGITAIS E O USO DO CELULAR NA EDUCAÇÃO

O presente capítulo pretende abordar como a educação vem evoluindo ao longo dos anos, e a necessidade que os professores sentem de evoluir juntamente com ela, abordando como as metodologias são essenciais para o desenvolvimento das aulas e como auxilia no ensino-aprendizado. O capítulo também vai mostrar a importância de trabalhar com as tecnologias digitais na sala de aula, por ser algo bem presente no cotidiano dos alunos e como elas auxiliam no ambiente escolar, proporcionando ao aluno uma educação com mais autonomia, na qual ele será o protagonista.

2.1 As tecnologias digitais e novas facetas na educação e no ensino

As tecnologias digitais mudaram os modos de vida, de comunicação, de leitura, de escrita e a forma de se lidar socialmente, conseqüentemente transformando também as maneiras de se ensinar e aprender. Os novos espaços culturais estão nas redes digitais, onde, articulados às nossas identidades, formam a cibercultura global.

A cibercultura é a cultura contemporânea, estruturada pelas tecnologias digitais em rede nas esferas do ciberespaço e das cidades. Atualmente ela vem se caracterizando pela emergência da Web 2.0 com softwares e redes sociais mediadas pelas interfaces digitais em rede. Concordamos com Lemos (2003) quando este conceitua a cibercultura como

[...]a forma sociocultural que emerge da relação simbiótica entre sociedade, a cultura e as novas tecnologias de base microeletrônica que surgiram com a convergência das telecomunicações com a informática na década de 70 (Lemos, 2003, p.12).

Isto levou, no campo educacional, ao desenvolvimento de novas maneiras de educar, não apenas ampliando possibilidades para as novas gerações com o uso das tecnologias, mas também pela culminância da EAD (Educação a Distância), mas como um fenômeno da cibercultura que está cada vez mais presente no cotidiano escolar. Atualmente as tecnologias da informática e telecomunicação vêm provocando mudanças na sociedade através do processo de digitalização, digitalizando informações como textos, fotos, vídeos e sons, facilitando o compartilhamento.

A informação digitalizada circula, se modifica e se atualiza em diferentes interfaces, o que leva a ser possível acessar sem sair do lugar. A cibercultura oferece a possibilidade de se trabalhar com diferentes dimensões da linguagem, em respeito aos distintos modelos de aprendizagem. O ciberespaço surgiu da interconexão mundial entre computadores, mais conhecida como internet.

Ele integra, reúne e redimensiona uma infinidade de mídias, como cinema, jornal, revistas e uma diversidade de temas que permitem comunicações assíncronas e síncronas a exemplo dos *chats* e fóruns de discussão, que são muito utilizados no meio acadêmico a fim de possibilitar uma maior rede de busca por informações em diferentes pesquisas.

Seguindo essa linha de pensamento, o conceito de cibercultura vem ligado ao homem e à tecnologia digital em rede através do processo de interprodução ou de coprodução cultural. Nesse mesmo contexto Santaella escreve sobre o surgimento da cibercultura:

[...]quaisquer meios de comunicação ou mídias são inseparáveis das suas formas de socialização e cultura que são capazes de criar, de modo que o advento de cada novo meio de comunicação traz consigo um ciclo cultural que lhe é próprio (Santaella, 2002, p.45 e 46).

A cultura e a rede andam lado a lado no mundo atual. De acordo com Lemos, podemos perceber que o processo de hibridação tecnológica fez com que o artefato digital não ficasse restrito a uma máquina isolada (PC), transformando-se em um computador coletivo (CC) mais conhecido como *internet*, rede mundial e integrada de computadores (Lemos, 2002, 2003).

As redes digitais nos permitem estar conectados simultaneamente em vários espaços, com diversas pessoas e podendo compartilhar e trocar informações no mundo todo. Nas redes podemos unir o cultural e o comunicativo, o textual e o oral, o local e o universal. Forma-se um híbrido entre objetos técnicos e seres humanos em processo de construção do conhecimento.

Lemos e Levy (2010) enfatizam que: no futuro iremos além da força da crítica que já foi destacada por teóricos da educação em relação à pedagogia da transmissão. Teremos uma

demanda comunicacional e cognitiva das gerações que estão surgindo com a cibercultura, isto é, com a ambiência de conhecimento, de crenças, de artes, de ética, de leis, de costumes, de hábitos e de aptidões desenvolvidos pelas sociedades na era digital em rede mundial de computadores.

A educação online se tornou um conjunto de ações de ensino-aprendizagem por interfaces digitais que desenvolvem práticas comunicacionais interativas e hipertextuais. Não é apenas o ambiente *online* que define a educação *online*. Ele condiciona, mas não a determina. Tudo dependerá do movimento comunicacional e pedagógico dos sujeitos envolvidos (Santos, 2005). O professor buscará a metodologia adequada para ajudar o aluno a lidar com o novo meio digital, ajudando o aluno a ter mais autonomia sobre o que está fazendo e levantando pontes com o seu cotidiano fora da escola.

As práticas de educação *online* são um processo complexo que se instaura a partir de uma série de ações e situações de ensino-aprendizagem. Na modalidade *online* os professores e alunos se conectam sem estarem juntos fisicamente, favorecendo o compartilhamento de mídias e contemplando a vivência do “virtual” em rede com a colaboração com todos. Essa modalidade lança mão das disposições favoráveis à interatividade cada vez mais presentes no cenário sociotécnico da cibercultura.

Para Herrera e Jiménez (2015) a tecnologia é comunicação e esta dimensão deve ser desenvolvida em sala de aula. A tecnologia serve para abrir espaços e não para os fechar, tendo em vista que é uma plataforma propícia à criatividade e à participação nas aulas, interessando tanto a ação como a interação dos alunos no processo de aprendizagem, deixando os conteúdos com mais fácil acesso.

As tecnologias digitais fazem parte do cotidiano do aluno e, neste sentido, a escolar não deve excluí-la, mas buscar forma de articular as experiências dos estudantes. Para isso, é necessário que o professor seja mais autônomo na hora de estabelecer a sua prática docente, podendo utilizar a variedade de ferramentas e recursos que tem à disposição (Román-Mendoza, 2018).

Para se criar matérias é necessário se ajustar ao contexto e necessidades do aluno, sua vivência e a relevância de determinados conteúdo para seu cotidiano pessoal e escolar. Em novos tempos de cultura digital, os alunos acabam vivenciando experiências culturais com o computador e com o seu dispositivo móvel, na *internet*, tendo diferentes experiências das que foram vivenciadas pelos professores durante seu processo educacional.

A escola se situa num processo de transformação que vem sendo fruto da globalização, da revitalização de metodologias passadas e do desenvolvimento tecnológico avançado.

Diferentes teorias de aprendizagem vêm sustentando métodos ativos. Como cada aluno aprende de maneira diferente, cabe o professor considerar inserir, nas suas práticas, métodos de ensino diversificados, que supram as necessidades de cada discente. Quando se adotam diferentes metodologias, é preciso ter planejado considerações essenciais para o sucesso do processo educativo.

Aprendemos pela descoberta, indagação, crítica e tentativa de mudanças, originando novas capacidades e formas de conhecimento. Aprendemos uns com os outros quando conectados e em rede. (Santos, 2019). É preciso pensar a Educação de forma transversal, com cidadania, ética, diversidade cultural etc.

O currículo precisa ser pensado a partir das necessidades e interesses dos alunos, como eles levarão o conteúdo para suas vidas. Concordamos com Vera Candau (2000) quando ela aborda sobre a necessidade que o método didático possa ter diferentes estruturantes que sejam capazes de articular e de otimizar uma dinâmica operacional entre eles, não excluindo qualquer que seja.

As tecnologias digitais mais utilizadas nas atuais práticas de educação *online* são os ambientes virtuais de aprendizagem (AVAs), as teleconferências e as videoconferências. Os AVAs funcionam como uma organização viva, onde humanos e objetos técnicos interagem num complexo processo que se organiza através do diálogo entre as suas redes de conexões. Possibilitam a criação de algumas ações como a criação de atividades de pesquisa que estimulem a construção do conhecimento a partir de situações-problemas, na qual o aluno possa contextualizar questões locais e globais do seu contexto cultural.

O AVA precisa ser uma obra aberta, na qual a imersão, a navegação, a exploração e a conversação possam fluir na “lógica da completação” (Silva, 2000, 2005). O que nos leva a observar que, no AVA, se deve agregar a criação no devir, e todos os participantes poderão contribuir de alguma forma na dinâmica pedagógica passada pelo educador.

Os ambientes virtuais de aprendizagem envolvem um conjunto de interfaces para a socialização de informações, de conteúdos de ensino e aprendizagem e as interfaces de comunicação assíncronas e síncronas. A cibercultura se constitui de novas possibilidades de socialização e aprendizagem baseadas pelo ciberespaço, no caso da educação formal pelos AVAs.

Com tantas mudanças que a sociedade brasileira vem passando, é preciso rever alguns aspectos para conseguir desenvolver, e um deles é a tecnologia digital nas escolas. Com o fácil acesso à *internet* e a divulgação livre de materiais e cursos, não se fazem mais necessários os métodos tradicionais, mesmo que tais metodologias ainda coexistam nas escolas e façam parte

da realidade educativa de muitos estudantes, nestes tipos de abordagem os professores que transmitiam a informação. Hoje, com a culminância das tecnologias, integradas em todos os espaços e tempos, muitos docentes já fazem uso delas em suas aulas, dependendo da realidade educativa da escola e deste docente.

Historicamente no Brasil, podemos observar como a educação vem passando por transformações ao longo dos anos: os livros didáticos passaram a não serem mais os únicos meios de informações e de interesse dos alunos. O livro didático ainda é um grande aliado, e um importante instrumento da educação no processo de ensino e aprendizagem, contendo as principais informações e assuntos que devem ser abordados em sala de aula.

No que se refere às aulas de História com a ajuda das tecnologias digitais enquanto auxiliaadoras, muitos conteúdos podem ser expandidos através de pesquisas e trabalhos *online*, algumas dúvidas que surgem durante as aulas poderão ser trabalhadas com uma rápida pesquisa no *Google*, uma videoaula no *YouTube*, e até mesmo um grupo de debate no *Google Meet*, que podem consistir em meios auxiliaadores nas aprendizagens históricas.

As bibliotecas digitais vem sendo outras importantes plataformas de pesquisa e que auxiliam os alunos na produção dos seus trabalhos escolares e também aos professores na elaboração de suas aulas. Como afirma Grossi e Fernandes (2014), a tecnologia deve ser entendida como importante instrumento no processo de ensino e aprendizagem, assim como o uso do telefone celular, quando bem orientado e motivado pelo docente, pode se converter em uma boa abordagem pedagógica que agrega maior registro de fotos, imagens, ambientes, filmagem e anotação.

Em muitos casos, o visual auxilia o educando na aprendizagem pelo processo de memorização e assimilação. As tecnologias podem proporcionar uma melhor experiência escolar para o aluno, com mais autonomia e desejo.

A educação e aprendizagem são geradoras de domínios operacionais de ação e reflexão, que envolvem percepção e emoção, o ensino-aprendizagem deve estar ligado à vida cotidiana do aluno. Alguns teóricos como Rogers (1973), Novack (1999) e Freire (2009) já escreviam sobre a importância de superar a educação tradicional e focar a aprendizagem no aluno, envolvendo-o, motivando-o e dialogando com ele. A educação digital possibilita um maior campo de pesquisa e de desenvolvimento de atividades: há, no meio cibernético, várias plataformas disponíveis para o ambiente educacional onde o aluno passará a ter mais autonomia para navegar e ter o livre acesso para desenvolver suas pesquisas, deixando o ensino mais interessante ao olhar deste.

A educação digital desperta a curiosidade no educando para aprender de forma mais inteligente e agradável. Em alguns casos a aproximação entre professor e aluno se torna um pouco complexa por ter a resistência do discente a algumas metodologias trabalhadas em sala, na educação digital o aluno se aproxima mais do educador, já que ele vai usar plataformas digitais que geralmente já são conhecidas por eles.

As metodologias de aprendizagem se tornam mais eficientes quando entram em contato com as tecnologias por terem uma maior facilidade de matérias extras, trabalharem os conteúdos de forma flexível, possuem uma linguagem mais atual e terem uma maior facilidade de encontrar conteúdos relevantes para a matéria. Elas podem ser inseridas nas aulas com o intuito de ajudar o professor no compartilhamento do conteúdo, na interação dos alunos com a aula, no desenvolvimento de trabalhos de pesquisa na *internet* em grupos trabalhando a socialização e autonomia entre eles.

O educador pode acompanhar de forma individualizada o desenvolvimento de cada aluno e como o ensino funciona para cada um. As tecnologias digitais aumentam o engajamento dos alunos, tendo em vista uma maior participação em sala de aula com o conteúdo trabalhado. A tecnologia também consegue despertar o interesse dos alunos e manter a atenção nas aulas, facilitando o processo de ensino-aprendizagem. Além de ajudar nas notas baixas e diminuir o número de desistências.

O uso do dispositivo móvel vem sendo cada vez mais comum no dia a dia das pessoas, e no cotidiano escolar não é diferente. Com o intuito de promover e facilitar o acesso à informação, os celulares estão mais presentes na vida dos alunos. A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e Cultura (UNESCO) desenvolveu diretrizes para ajudar na compreensão das vantagens do uso do celular em aulas. De acordo com a UNESCO (2013, p.7):

Atualmente, um volume crescente de evidências sugere que os aparelhos móveis, presentes em todos os lugares – especialmente telefones celulares e, mais recentemente, tablets – são utilizados por alunos e educadores em todo o mundo para acessar informações, racionalizar e simplificar a administração, além de facilitar a aprendizagem de maneiras mais inovadoras.

O celular é um aliado na construção de saberes, tendo como função favorecer o aprendizado, por ser uma ferramenta que possibilita informações rápidas, e por estar presente no dia a dia da maior parte da população brasileira. A partir da utilização do celular em sala de aula como meio de aprendizagem é possível discutir importantes temáticas relativas às questões de gênero, apresentando as perspectivas femininas. O aparelho também é um facilitador na compreensão dos conteúdos pelos alunos. Na perspectiva de Lopes e Pimenta (2017):

Todos sabemos que os celulares são verdadeiros computadores portáteis interligados na internet, com inúmeros recursos internos, capazes de filmar, tirar fotos, produzir montagens, gravar o áudio que o usuário desejar, além de oferecer uma grande variedade de acesso aos aplicativos, programas criados por pessoas jurídicas para atender necessidades de todo tipo, inclusive educativas. Todos esses utensílios foram criados para facilitar a vida das pessoas, no entanto, se utilizados de má fé, bem como qualquer outro recurso tecnológico, podem causar danos (Pimenta, 2017, p.8).

Muitas são as ferramentas digitais que estão à disposição do professor, tais como o *Google Classroom*, *Google Meet*, *Zoom*, *Moodle* e entre outros que colaboram com o processo ensino e aprendizado. Alguns outros aplicativos também estão à disposição dos alunos e docentes, como o *Facebook*, o *TikTok* (rede social de bastante acesso mundialmente, explodiu durante a pandemia covid-19 e será a base da pesquisa), *Instagram* e *Youtube*, assim a aprendizagem poderá ser colaborativa com a troca de conhecimentos centrada na interação.

O aparelho móvel se torna um grande aliado para fins educacionais, já que auxilia na motivação do processo de aprendizagem do aluno. Segundo Silva (2018) no âmbito da sala de aula, o uso do celular com a finalidade educativa desenvolve no aluno a autoaprendizagem; auxilia na construção do seu próprio conhecimento; motiva a sua interação pela aplicação de novas estratégias de ensino e facilita trocas de experiências aluno-aluno e professor-aluno; perfazendo uma via de mão dupla no processo de aprendizagem.

Além do aparelho celular disponibilizar diversas ferramentas, ele desperta no aluno a curiosidade e a oportunidade do uso de recursos digitais, auxiliando na formação do educando, levando o aluno a ter uma formação mais situada na sua atualidade, podendo pesquisar e estar presente no que se passa no mundo de forma rápida e com fácil acesso.

Segundo Reis, Leite e Leão (2017), o uso das tecnologias tem possibilitado o acesso a uma educação diferenciada, considerando que sua inserção nas escolas é um fenômeno em franca expansão. Elas podem potencializar as interações entre professor e estudante, e o mesmo ocorre com estudante e estudante, tendo em vista que elas sempre estão cada vez mais comuns nos ambientes educacionais, com o objetivo de aumentar o envolvimento e a motivação do aluno.

Consideramos que as tecnologias, para serem introduzidas na educação, precisam apresentar o efeito desejado no sentido de estarem acompanhadas por propostas metodológicas que valorizem a construção do conhecimento e de sua importância na realidade social do estudante, ou seja, as mudanças no ramo pedagógico estão cada vez mais complexas quando envolvem a educação digital.

Na prática docente, o professor cria condições para que o aluno possa analisar, criticar, avaliar, sintetizar e comparar os conteúdos trabalhados para estudo na *internet*, para que seus estudantes construam um bom conhecimento. Juntamente com as novas tecnologias surgem novas formas de compreender as novas competências que são impostas na educação, e é de suma importância capacitar o profissional docente para se inserir no novo ambiente tecnológico e fazer o bom uso dos aparelhos.

Os docentes, após receberem sua formação adequada, poderão repensar sua forma de ensinar e expandir a sua forma de ver a educação, possibilitando a melhora no quadro educacional. A aprendizagem colaborativa com o uso de mídias digitais leva o aluno a desenvolver a interaprendizagem (entre o aluno e a tecnologia) e a autoaprendizagem (medida para o outro indivíduo). De acordo com Masetto (2010, p. 142):

O professor assume uma nova atitude. Embora, uma vez ou outra, ainda desempenhe o papel de especialista que possui conhecimentos e/ou experiências a comunicar, no mais das vezes desempenhará o papel de orientador das atividades do aluno, de consultor, de facilitador da aprendizagem de alguém que pode colaborar para dinamizar a aprendizagem do aluno, desempenhará o papel de quem trabalha em equipe, junto com o aluno, buscando os mesmos objetivos. Uma palavra, desenvolverá o papel de mediação pedagógica.

O professor trabalhará lado ao lado com o aluno, ajudando-o e proporcionando que o aluno seja o protagonista da sua aprendizagem e vida.

Segundo Kenski (2012, p.112): “Com a colaboração de cada um para a realização de atividades e aprendizagem, formam-se laços e identidades sociais. Assim, criam-se grupos que, além dos conteúdos específicos, aprendem regras e formas de convivência e sociabilidade.”

É importante que o aluno desenvolva a habilidade de trabalhar em grupo, para um melhor desenvolvimento na socialização e convivência com outras pessoas. A junção da sala de aula e ambientes virtuais se faz necessária para abrir a escola para o mundo e para trazer o mundo para dentro da escola, tornando um espaço estendido e que se mescla.

2.2 As linguagens digitais e o ensino de História

As redes sociais proporcionam uma linguagem mais familiar, com espontaneidade, ideias, vídeos e imagens. As metodologias podem ser baseadas na criação de vídeos, jogos, trabalhos *online* e até mesmo solução de dúvidas virtuais, que irão proporcionar um aprendizado único para cada aluno e no seu próprio ritmo, deixando-o com sua autonomia e liberdade para estudar.

Com a utilização de tecnologias adequadas, é possível fazer a criação de atividades e desafios que solicitam informações pertinentes e que proporcionam recompensas estimulantes. Um exemplo são os jogos e as aulas roteirizadas com a linguagem de jogos, que estão cada dia mais presentes no cotidiano escolar e que vem se familiarizando cada vez mais com os alunos.

O docente, na disciplina de História, juntamente com os alunos, pode organizar projetos importantes para a aula, como vídeos e materiais nos ambientes virtuais que integrem os assuntos da matéria e utilizem pesquisas e fontes históricas como parte importante do processo.

É interessante que os projetos tenham algum vínculo com o dia a dia dos alunos, que se façam presentes na vida, para causar maior motivação, e que o professor saiba como ajudar a proporcionar uma melhor forma de desenvolver o projeto. As tecnologias podem ser representadas na educação pelos livros, pelos cadernos, pelo quadro-negro, pelas máquinas de projeção, pelos computadores, pelas lousas digitais, entre outros artefatos. As tecnologias também são as metodologias que delimitam um modo de agir e de produzir conhecimento. Toda metodologia é, em si, uma tecnologia social.

Segundo Kensky (2012) na atualidade o termo “novas tecnologias” refere-se, principalmente, aos processos e produtos relacionados aos conhecimentos advindos da eletrônica, da microeletrônica e das telecomunicações, os quais se baseiam na imaterialidade, pois seu espaço é a ação virtual e sua principal matéria-prima é a informação (p.25).

Ao longo da história educacional foram construídas várias metodologias características e marcantes do seu tempo. Atualmente as metodologias ativas vem se destacando como a necessidade de se compreender em qual sentido o material é utilizado. Segundo Moran (2018, p.4), as metodologias ativas “[...] dão ênfase ao papel de protagonista do aluno, ao seu envolvimento direto, participativo e reflexivo em todas as etapas do processo”.

Moran (2018), também menciona que desde o nascimento do ser humano e ao decorrer da sua vida se aprende ativamente a partir de situações concretas, a partir do processo indutivo e a partir de ideias e teorias. Esses processos, para Moran (2018), são permeados pela aprendizagem com alguém mais experiente e/ou mesmo por meio das próprias descobertas.

De qualquer forma se aprende sobre o que interessa o que tem uma ressonância íntima, que possibilita avançar a partir do que se sabe até atingir estágios de desenvolvimento superiores, ou mais complexos, diante do que se encontra (Moran, 2018).

Nas metodologias ativas de aprendizagem, o aprendizado se dá a partir de problemas reais; os mesmo que os alunos vivenciarão depois, no decorrer da vida. As tecnologias em rede nos permitem trazer o bairro, a cidade e o mundo em tempo real, com suas múltiplas ideias, acontecimentos e fatos, numa troca intensa e ininterrupta.

Aprender de forma ativa proporciona para o aluno a capacidade mental de pensar, entender, buscar e elaborar o que aprendeu. A aprendizagem passa a ser o foco, ativando várias formas e processos cognitivos do aluno e a interação com o professor e os colegas. Existem várias metodologias ativas, e que se diferenciam a partir de como definem suas estratégias, técnicas e abordagens, mostrando o que concebem como o papel do professor e do aluno no processo ensino-aprendizagem.

A partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), promulgada em 1996, a escola média é definida como etapa final da educação básica, ela propõe uma terminalidade a objetivos amplos de formação para a cidadania, numa perspectiva de superação da histórica dualidade entre uma formação das elites para o ensino superior e uma formação dos trabalhadores para cursos técnicos (Kuenzer, 2000). Então é possível identificar que a cultura preparatória que marcou a história dessa etapa da escolarização ainda é marcante nas práticas escolares.

[...] os alunos são sujeitos a processos que os reenviam permanentemente a um mundo já totalmente feito de aparência clássica, e de onde o confronto se faz sempre com os grandes autores, com as verdades científicas já inteiramente construídas e constituídas [...] O que parece bastante complexo nos tempos de hoje é essa possibilidade de nós produzirmos no interior da cultura escolar mecanismos onde a escrita seja uma prática do cotidiano, onde o desejo de compreender e imaginar o mundo se amplie (Ramos do Ó, 2007, p.111)

Seguindo essa perspectiva, o professor devia deixar de ser aquele que reproduz a verdade estabelecida, “[...] quase sempre expressa no manual escolar, da verdade que está no programa [...]. Alguém cujo trabalho se concretizasse no exercício criativo de seus alunos” (Ramos do Ó, 2007, p.111). O autor argumenta:

Historicamente o professor foi colocado fora do processo de construção de aprendizagem. Importaria partir para uma nova relação e que também ele ficasse vinculado ao exercício da produção científica. Acho bom que todos nós pudéssemos falar das dificuldades da escrita, das construções, das relações do mundo – que é um mundo muito fluido, dinâmico –, das dificuldades de estabilização de categorias de apreciação da realidade. E o professor para trabalhar nisso com qualquer aluno, de qualquer idade, terá ele próprio que estar vinculado a esse processo criativo. Já não será o mensageiro da verdade [...], mas um construtor de representações do mundo, das indetermináveis apreensões do mundo (Ramos do Ó, 2007, p. 112).

Para Ramos do Ó, os estudantes do séc. XXI, com novas tecnologias em suas vidas “[...] são capazes de produzir uma compreensão e uma codificação verbal da realidade muito mais sofisticada do que tínhamos” (2007, p.112). Acrescenta que “há uma espécie de guerra” (2007, p.12) contra as crianças e jovens que conseguem “[...] construir essa imagem do mundo

por meio de toda tecnologia, que dominam mais e melhor os adultos (2007, p.112). Para Jorge do Ó, essa guerra não é somente de gerações, mas, sobretudo, de linguagens.

Pode-se introduzir mudanças nas práticas de ensino através de recursos digitais, entre os quais destacamos o uso do aplicativo *TikTok*, com produções de vídeos sobre determinada disciplina, possibilitando a potencialização de experiências e aprendizagens presenciais. Os dispositivos móveis, em especial os *smartphones* e *tablets*, podem ajudar nesse processo.

Segundo Araújo (2020, p. 69), a “expansão e popularização das tecnologias móveis proporcionou um notável desenvolvimento de softwares para dispositivos móveis: os aplicativos.” Com a grande popularização dos dispositivos móveis no mundo e o frequente uso deles no dia a dia das pessoas, os aplicativos que antes eram presentes apenas nos computadores de mesas passaram a ser desenvolvidos para os aparelhos celulares, com a intenção de facilitar e deixar o acesso mais rápido e otimizado.

Atualmente, é possível ter todos os recursos de um computador em um *smartphone*, como se conectar, escrever e pesquisar estando em qualquer lugar do mundo com acesso à *internet*. No início da década de 1970, já era falado sobre uma sociedade sem escolas e que a instituição e seus profissionais seriam substituídos pelas tecnologias da informação e da comunicação (Libâneo, 2011).

Esse argumento faz muito sentido no contexto atual, já que a escola deixou de ser vista como o único lugar de acesso ao conhecimento, e os educadores não são mais vistos como os únicos propagadores do saber. É preciso uma nova cultura do aprender a aprender, habilidades comunicativas e domínio das tecnologias da informação (Libâneo, 2011). Nesse contexto:

Os métodos tradicionais, que privilegiam a transmissão de informações pelos professores, faziam sentido quando o acesso à informação era difícil. Com a Internet e a divulgação aberta de muitos cursos e materiais, podemos aprender em qualquer lugar, a qualquer hora e com muitas pessoas diferentes. Isso é complexo, necessário e um pouco assustador, porque não temos modelos prévios bem-sucedidos para aprender de forma flexível numa sociedade altamente conectada (Morán, 2015, p. 16).

O uso dos aparelhos nas aulas oferece maior desenvolvimento da autonomia do educando frente às possibilidades do conhecimento. Porém nem todos os alunos possuem acesso ao aparelho celular (CGI.br, 2020a), o que leva a pensar estratégias de interação e produção de vivências coletivas com as TIC, tornando o espaço do cotidiano escolar cada dia mais inclusivo.

As tecnologias digitais em sala de aula ainda são escassas e pouco utilizadas, mas é possível compreender que isto ocorre por diversos motivos: a falta de recursos tecnológicos, falta de formação para aprender a trabalhar com as tecnologias, resistência à mudança por parte

de alguns professores, ênfase no aparelho e não na mensagem, etc. (Mercado, 1999). Para Gadotti (2000), uma questão que limita o uso das tecnologias nas aulas é a cultura do papel.

Para ele:

[...]o maior obstáculo ao uso intensivo da Internet, em particular da educação a distância com base na internet. Por isso, os jovens que ainda não internalizaram inteiramente essa cultura adaptam-se com mais facilidade do que os adultos ao uso do computador. Eles já estão nascendo com essa nova cultura, a cultura digital (Gadotti, 2000, p. 5).

Não pode negar que o aparelho celular se tornou quase uma extensão do nosso corpo, as nossas relações de mundo se tornaram outras, e estamos cada vez mais dependentes dele. Distinto dos outros recursos tecnológicos, como computadores e *datashow*, o dispositivo móvel se difere dos demais por ser individual. A realização de estudos pelo celular é apontada por 41% da população brasileira, atrás da comunicação por mensagens (92%), uso das redes sociais (76%), chamadas de voz e vídeo (73%), busca por serviços de saúde (47%) (CGI.br, 2020a). E está aumentando cada dia mais.

O ano de 2020 foi marcado por muitas perdas com a chegada da covid-19 no Brasil, um vírus avassalador que levou toda a sociedade a repensar e a reaprender a viver. Ela deixou grandes marcas no mundo, e uma delas foi mostrar a necessidade de se ensinar lado a lado com a tecnologia em seu novo mundo.

No período pandêmico, o dispositivo móvel se tornou o objeto de maior uso nas práticas de ensino-aprendizagem, uma vez que ele ocupava e ainda ocupa o topo do *ranking* na lista de aparelhos e recursos tecnológicos com acesso à *internet*, disponíveis em todas as classes sociais, inclusive as classes mais vulneráveis (CGI.br, 2020a).

Como o distanciamento físico se tornou algo de extrema necessidade, as tecnologias da informação e da comunicação passaram a ser predominante nas relações de aprendizagem e de interação social durante o cenário pandêmico. Durante a pandemia da Covid-19, o uso do aparelho celular aumentou para as atividades de estudos. Os índices são maiores entre os jovens de 16 a 24 anos (56%), no ensino fundamental (70%) e nas classes DE (84%) (CGI.br, 2020b). Vale lembrar que esta é uma condição imposta pelo cenário pandêmico e que se fez necessário o uso dos celulares como instrumento da educação.

O ensino remoto emergencial foi a saída encontrada para conseguir manter o vínculo entre os estudantes e a escola, dando continuidade ao processo de aprendizagem e promovendo a sociabilidade em rede (Castells, 1999). As TIC – Tecnologias da Informação e da Comunicação ocuparam o papel predominante como suporte que abrigava as possibilidades de interação, compartilhamento, produção e letramentos digitais (Coscarelli; Ribeiro, 2005;

Coscarelli, 2019), enquanto os educadores e estudantes eram convidados a reorganizar seu papel e sua vida durante esse novo processo de alfabetização remota.

Com a pandemia da Covid-19 se fez necessário repensar o uso das tecnologias para o ensino, deixando o aparelho celular como principal instrumento de mediação, interação e envio e recebimento de conteúdo. Nesse cenário os alunos e professores passaram a aprender e utilizar o dispositivo móvel como principal ferramenta de acesso às aulas. Com essa nova forma de educar, várias atividades foram desenvolvidas, como: uso de aplicativos, envio de vídeos e áudios, pesquisas, chamadas de vídeo, gravação, publicação, *upload* e *download*, entre outros. O aparelho celular permite ter o mundo na palma da nossa mão.

Para crianças e jovens, criados no mundo digital, as tecnologias já fazem parte de um cotidiano constante de descobertas e interações, o que provavelmente facilita a relação com o ensino remoto (Presnky, 2001). Dessa forma, os alunos ensinam o que sabem enquanto aprendem, e professores aprendem enquanto ensinam o que sabem (Freire, 2018), tornando o ensino digital uma via de mão dupla, na qual ambos aprendem juntos, educando e educador. Segundo Rodrigues, Segundo e Ribeiro:

[...]já não se pode mais negar o uso potencial dessas tecnologias por crianças e jovens, mas sim, faz-se necessário incorporá-las ao contexto escolar, possibilitando aos educadores e educandos usá-las nas atividades escolares de forma criativa em vários espaços, e não simplesmente se restringindo ao espaço da sala de aula (Rodrigues; Segundo; Ribeiro, 2018, p. 118).

O ensino remoto veio para repensar a nossa relação com as tecnologias e desconstruir paradigmas conceituais. É um dos maiores desafios da docência nessa era da informação e do conhecimento é ensinar a pensar criticamente, e para isso, é preciso o domínio das diversas linguagens, inclusive a eletrônica (Gadotti, 2000).

No ensino presencial pós-pandêmico, o celular serve como suporte para fomentar a pesquisa, o estudo em grupo, a realização de atividades e avaliações *online*, tornar o aluno o protagonista da sua vida na educação, e outras possibilidades que estão previstas, inclusive, na Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2017).

Tendo em vista a vivência no novo cenário atual, o celular deve ser utilizado com o intuito de agregar cada vez mais ao conhecimento. O trabalho com as tecnologias deverá se tornar uma das prioridades, levando em consideração as possibilidades de ampliação do conhecimento não apenas no espaço físico escolar, mas no ciberespaço, já que ele não pertence a lugar nenhum e está em todo lugar a todo tempo. Seguindo esse contexto, a escola precisa deixar de ser lecionadora para se tornar gestora de conhecimento (Gadotti, 2020).

A pandemia nos levou a enxergar a vida de outra forma, o mesmo ocorreu com o ensino, agora as várias possibilidades de se ensinar *online* ganharam força. O que antes era teoria agora se tornou prática, e pouco a pouco o ambiente educacional começa a adentrar no universo das tecnologias digitais.

2.3 Os dispositivos móveis e as novas maneiras de educar na escola: reflexões

Atualmente vivemos em uma sociedade moderna regida pela tecnologia e fruto da globalização, essa é a realidade em especial da população mais jovem, sempre conectada e vivendo a realidade tecnológica. Vivemos, de todo modo, em um mundo tecnológico, no qual podemos observar a presença de um *smartphone* na mão de quase todos os brasileiros.

Muitos são os benefícios dessa realidade presentes no dia a dia da população, e quando pensados para o ambiente educacional não é diferente. As tecnologias favorecem novas metodologias de ensino e, juntamente com as novas metodologias, surgem novas formas de ensinar e aprender.

O maior desafio de uma sociedade moderna é exigir que todos os professores façam reflexão para um educar contemporâneo, que ofereça uma melhora nos métodos de ensino-aprendizagem, proporcionando, para as novas gerações, uma interação diversificada, uma forma de ensinar diferente, com um melhor agir e aprender, tendo, dessa forma, uma cultura popular modernista em suas formas de ensinar (Martins, 2008).

Para Kenski (2007, p.46), “Não há dúvidas de que as novas tecnologias de comunicação e informação trouxeram mudanças consideráveis para a educação.” Seguindo essa visão, podemos compreender como o uso das tecnologias em sala de aula pode contribuir para o processo de ensino-aprendizagem do aluno e ajudar na interação com o ambiente em que o aluno está inserido juntamente com os outros colegas que os cercam, deixando a sala de aula um ambiente mais interessante e acolhedor para os discentes.

É notório que a sociedade está constantemente em busca de tecnologias avançadas, e nessa sociedade os professores têm em mente que a implantação da informática no ambiente escolar é importante e necessária. O uso das TIC torna as aulas mais atrativas para os alunos e eles tem a oportunidade de desconstruir conhecimentos de forma autônoma, tornando o aluno o protagonista da sua própria educação.

Durante as pesquisas e leituras realizadas no processo da construção dessa pesquisa foi possível observar que as TIC proporcionam um acesso mais rápido às informações atualizadas,

elas auxiliam no processo de ensino-aprendizagem gerando contribuições para o ensino na escola (Almeida, 2003).

A utilização das TIC na sala de aula melhora o desenvolvimento cognitivo: o educador consegue despertar no aluno a curiosidade juntamente com atividades realizadas em sala, ajudando-o a gerar e desenvolver novas ideias, estimulando seu interesse pelos exercícios passados e possibilitando uma transformação no modo de aprender e ver os conteúdos.

É interessante tanto para o aluno quanto para o professor ter acesso às informações oferecidas com o uso das TIC durante todo o processo de ensino-aprendizagem, para melhorar o alcance das competências escolares e melhorar o desenvolvimento dos alunos. As TIC quando usadas de forma correta e responsável no ensino podem gerar desafios para os professores, já que requerem uma maior qualificação, uma melhoria nas metodologias trabalhadas em sala de aula, e um aprimoramento no planejamento. O professor tem que ser a porta de entrada para que a mudança absorva todo o potencial necessário que as tecnologias da informação oferecem.

As TIC proporcionam ao aluno uma maior autonomia na construção dos saberes diante das ligações com o mundo diverso, o que torna o conhecimento e as experiências uma constante evolução educacional. As mídias digitais são geradoras de meios dinâmicos de ensino-aprendizagem, quando bem utilizadas oferecem o fortalecimento e o desenvolvimento das práticas pedagógicas modernas no ambiente escolar.

As tecnologias se tornam um mecanismo que funciona na mediação entre saberes escolares, professor e aluno. A introdução das TIC no espaço escolar vai depender muito da formação de cada professor e na compreensão de que estas tragam avanço na maneira de pensar os conceitos para melhorar o ensino nas desafiadoras aulas de História.

Nesse contexto podemos observar que o professor atua como o mediador nesse processo de aprendizagem, contribuindo para o desenvolvimento cognitivo do aluno e procurando alternativas que ajudem a solucionar de forma adequada os problemas e auxiliando a formar de modo individual o pensamento (Imbernón, 2010).

É necessário que os professores e alunos saibam usar de maneira correta as TIC. Um elemento essencial é a preparação e a atualização do professor, fazendo com o que a tecnologia seja inserida no currículo escolar e não seja apenas uma ferramenta de auxílio complementar, mas algo presente nas aulas.

Sabe-se que o professor não será substituído pela tecnologia, mas ambos juntos podem adentrar na sala de aula levando aprendizado e conhecimento para os alunos, pois basta que ele comece a pensar como introduzir no cotidiano escolar de forma decisiva para que após essa etapa passe a construir conteúdos didáticos renovados e dinâmicos,

que estabeleça todo o potencial necessário que essa tecnologia oferece (Vieira, 2011, p.134).

O professor e a tecnologia podem realizar grandes feitos juntos para melhorar o aprendizado do aluno, unindo suas aulas com a utilização das TIC, formulando conteúdos didáticos organizados e oferecidos pelas tecnologias, como o uso de vídeos e fotos para melhor compreender os conteúdos trabalhados nas aulas de História.

O uso das TIC nas escolas envolve novas formas de ensinar e aprender, deixando mais fácil o aprendizado para os que estão com maior dificuldade de aprendizagem. Os computadores e *softwares* em sala de aula podem ser usados como um recurso de auxílio do professor no compartilhamento dos conteúdos obrigatórios.

O professor deve utilizar as TIC para instruir os alunos e ajudá-los a criar condições para que eles consigam descrever seus pensamentos e materializá-los através de novas linguagens, assim o aluno é levado a transformar as informações em conhecimento prático para lidar com as situações da vida diária (Vieira, 2011). Nessa visão, Valente (1999, p.4) escreveu:

[...]a implantação da informática como auxiliar do processo de construção do conhecimento implica mudanças que vão além da formação do professor. É necessário que todos os segmentos da escola, alunos, professores, administradores e comunidades de pais estejam preparados e suportem as mudanças educacionais necessárias para a formação de um novo profissional. Nesse sentido, a informática é um dos elementos que deverão fazer parte da mudança, porém essa mudança é mais profunda do que simplesmente montar laboratórios de computadores na escola e formar professores para utilização dos mesmos.

A construção de laboratórios de informática nas escolas não é o suficiente para melhorar a educação no Brasil, é preciso que a população que faz parte do ambiente escolar seja protagonista das suas próprias histórias e trace sua própria caminhada dentro do ambiente escolar, com o auxílio das tecnologias e com a informática.

O processo de ensino-aprendizagem por meio da informática gera algumas transformações para compreensão de ideias, como anteriormente a única forma de se ensinar como únicas ferramentas de ensino era o giz, livro didático e quadro, hoje as opções aumentaram, e é ofertada a navegação em vários espaços da informação, o que nos possibilita enviar e receber diversos tipos de informações virtualmente, causando reflexões sobre como ensinar nesse novo meio.

O aparelho celular é observado como um importante equipamento para melhor compartilhamento de informações e propagação de conteúdo. As exigências quanto à utilização das mídias digitais se mostram cada vez mais presentes no cotidiano escolar, e é de suma

importância para todas as áreas, nas aulas de História essa utilização auxilia a melhor visualizar conteúdos com rápidas pesquisas e vídeos curtos.

Em uma rápida conversa com meus colegas de profissão pude perceber que a toda hora eles compreendem que se não utilizarem a tecnologia em suas aulas ficarão desconectados da realidade e poderão até ficar fora do ambiente escolar/ mercado de trabalho.

Podemos observar como, no decorrer dos anos, as propostas curriculares foram evoluindo, e junto com elas as tentativas de modificar a formação dos educadores. Ser professor atualmente é se desafiar e estar pronto para enfrentar conflitos e construir experiências pedagógicas construtivas e significativas para cada aluno.

A escola vem sendo uma das instituições que mais reflete a modernidade. Ela participa da formação do sujeito moderno e possui habilidades cognitivas e éticas necessárias para o exercício de uma cidadania democrática.

Marcada pela globalização e pelo impacto das tecnologias da informação e da comunicação, emergem novos paradigmas, tanto do ponto de vista cultural e ético, como político-social para ressignificar a educação e mostrar como são necessárias mudanças para adentrar no “novo mundo”, regado a tecnologia. François Dubet (2011) pontuou:

Em todos os lugares e não somente na escola, o programa institucional [republicano] declina. E essa mutação é muito mais ampla que a simples confrontação da escola com novos alunos e com os problemas engendrados por novas demandas. E a identidade dos atores da escola fica fortemente perturbada, para além dos problemas específicos com os quais eles se deparam. A escola foi um programa institucional moderno, mas um programa institucional apenas de tudo. Hoje somos “ainda mais modernos”, as contradições desse programa explodem, não apenas sob efeito de uma ameaça externa, mas de causas endógenas, inscritas no germe da própria modernidade (p. 299).

A escola encara os sujeitos da educação como iguais, e questões culturais tem adquirido cada vez mais um maior destaque: o aluno ao entrar na sala de aula vem com vivências e culturas adquiridas do outro lado. Não há educação que não seja imersa nas culturas da humanidade e no momento histórico em que ela se situa. Não é possível conceber uma experiência pedagógica sem um histórico-cultural vindo do aluno. De acordo com Angel Perez Gómez (1994, 2001), a escola tem que ser concebida como um espaço ecológico e preparado para o cruzamento de culturas, seguindo esse pensamento:

O responsável definitivo da natureza, do sentido e da consistência do que os alunos e alunas aprendem em sua vida escolar é este vivo, fluido e complexo cruzamento de culturas que se produz na escola, entre as propostas da cultura crítica, alojada nas disciplinas científicas, artísticas e filosóficas; as determinações da cultura acadêmica, refletidas nas definições que constituem o currículo; os influxos da cultura social,

constituída pelos valores hegemônicos do cenário presente nos papéis, nas normas, nas rotinas e nos ritos próprios da escola como instituição específica; e as características da cultura experiencial, adquirida individualmente pelo aluno através da experiência nos intercâmbios espontâneos com o seu meio (Gómez, 2001, p.17).

É preciso repensar formas de romper com a tendência homogeneizadora e padronizada que, muitas vezes, está presente em suas práticas. Se deve adentrar na sala de aula sabendo que cada aluno vem carregado com os próprios valores culturais. Vivemos numa sociedade multicultural, e nem todos possuem as mesmas oportunidades ou as mesmas vivências.

De acordo com Vera Maria Ferrão Candau (2000), o multiculturalismo é formado pelas lutas dos grupos sociais excluídos e discriminados em uma cidadania plena, os movimentos sociais, especialmente os relacionados às questões identitárias que constituem o *locus* de produção do multiculturalismo.

Alguns grupos como os negros, indígenas, homossexuais e de classes populares não possuem os mesmos acessos a determinados serviços e direitos fundamentais que outros grupos sociais têm, em sua maioria a classe média e alta, brancos e cidadãos com elevados níveis de escolarização.

A política assimilacionista, teoria que prega a integração de todos os diferentes grupos étnicos e culturais na sociedade, proporciona que todos consigam se integrar na sociedade e sejam incorporados à cultura hegemônica. No caso da educação, é promovida uma política de universalização da escolarização, na qual todos são convidados a participar do sistema escola, mas sem a problematização do caráter monocultura presente na sua dinâmica, no que se refere aos conteúdos presentes nos currículos e às estratégias usadas em sala de aula.

De acordo com Peter McLaren (1997, p. 115), “um pré-requisito para juntar-se à turma é desnudar-se, desracializar-se, e despír-se de sua própria cultura.” As relações culturais estão construídas e enraizadas na história, logo, estão atravessadas por fortes questões de poder, pelas relações hierarquizadas e marcadas pelo preconceito e discriminação.

A interculturalidade, conceito que promove políticas e práticas que estimulam a interação, a compreensão e o respeito entre as diferentes culturas e grupos étnicos, é considerada a mais adequada para a construção das sociedades democráticas que articulam políticas de igualdade e identidade. Ela rompe com a visão essencialista das culturas e das identidades culturais. Segundo Kwame Anthony Appiah (2012):

Um diálogo intercultural cosmopolita é aquele em que nos tratamos como cidadãos de um mundo compartilhado, e, portanto, digno de respeito mútuo. Isso não significa que não podemos discordar. Por um lado, não podemos ser apenas relativistas generalizadores e achar que tudo que acontece na humanidade é correto e bom. Por

outro, não podemos achar que nós temos todas as respostas, seja lá quem for esse “nós”. Temos que nos colocar em um diálogo no qual imaginemos que podemos aprender com o outro (p.3).

Toda cultura tem suas próprias raízes, e elas são históricas e dinâmicas. A intercultural rompe com a visão essencialista das culturas e de suas identidades culturais. Ser professor nos dias de hoje é passar por um processo de desnaturalização, é ressignificar saberes e práticas, com o intuito de promover uma educação de qualidade social para todos.

A escola é tida como um centro cultural onde diferentes produtos culturais estão presente de forma direta e indireta. Introduzir nas escolas as novas tecnologias da informação e comunicação não é tão fácil: é preciso dialogar com os professores sobre os processos de mudança cultural, que estão presentes em toda a população, principalmente entre as crianças e os jovens, formando sua identidade.

Não se trata de introduzir modificações na dinâmica escolar, mas trazer a concepção da educação escolar em questão para que possa responder aos desafios da contemporaneidade. A tecnologia educacional é uma forma sistemática de planejar, implementar e avaliar o processo total de aprendizagem e de instrução em termos de objetivos específicos, baseados na pesquisa sobre aprendizagem humana e comunicação, congregando recursos humanos e materiais, de maneira a tornar a instrução mais afetiva (Comissão sobre Tecnologia Instrucional 1970 p. 19). Isso possibilita, juntamente com as aulas de História, uma melhor aprendizagem.

A Educação Histórica não deve apenas confirmar formas de pensar que os alunos já têm: ela deve desenvolver e expandir seu aparato conceitual, ajudar os alunos a verem a importância das formas de argumentação e conhecimento e assim permitir que decidam sobre a importância das disposições que fazem essas normas atuantes. Ela deve desenvolver um determinado tipo de consciência histórica – uma forma de literacia histórica – tornando possível ao aluno experimentar diferentes maneiras de abordar o passado (incluindo a história) incluindo a si mesmo como objeto de investigação histórica (Lee, 2016, p.140).

O ensino e aprendizagem da História são necessários para fazerem o docente refletir sobre a importância de estudar determinados conteúdos e conseguir fazer a ligação com o seu dia a dia, aprendendo um pouco mais a cada aula. A crescente ligação entre a cultura escolar tradicional e as novas gerações, repletas de imagens, sons e mídias digitais exige uma nova postura pedagógica. A educação deve se adequar às novas subjetividades.

Os professores de História têm o desafio de explorar e lidar com o universo de possibilidades que a cultura e a tecnologia digital oferecem. Como fala Gitlin: “Para uma criança que cresce mergulhada na cultura das imagens, isso parece a coisa mais natural do mundo. Parece, na verdade, ser a natureza. (Gitlin, 2003, p.38).

Por nascerem e crescerem na era da tecnologia, uma boa parte das crianças brasileiras já vive familiarizada com os aparelhos móveis, e o *TikTok* acaba se tornando um aplicativo de fácil acesso para elas, tanto pela infinidade de fontes e recursos disponíveis, quanto pelo potencial de aprendizagem e interação que o aplicativo oferece.

A cada dia que passa crianças e jovens dominam mais e mais as tecnologias, apesar do acesso a recursos como aparelhos móveis e computadores ainda ser um privilégio em um país com tanta desigualdade social como o Brasil, acredita-se que essa geração é a que mais possui acesso à tecnologia ligada a uma rede de informações. Na recente história da didática escolar, a multimídia foi um dos recursos mais utilizados nas aulas de História.

O aplicativo *TikTok* foi criado pela *startup* chinesa ByteDance, em 2016, e tornou-se um dos aplicativos mais baixados na *App Store*, estando entre as 10 mídias mais acessadas no mundo. A plataforma é organizada com conteúdo em formato de multimídia e seus usuários podem criar e postar vídeos de até 3 minutos.

“O TikTok é o principal destino para vídeos móveis de formato curto. Nossa missão é inspirar criatividade e trazer alegria” (TikTok, 2020). A inteligência ligada à criatividade é um dos princípios do aplicativo: conteúdos sem tanta complexidade; é uma ferramenta que possui grande potencial para se aliar aos diferentes contextos educativos, em especial aos que são pensados no intuito de oferecer propostas pedagógicas mais engajadoras e dinâmicas.

De acordo com Monteiro (2020), o aplicativo pode ser usado para potencializar o desenvolvimento criativo do aluno, e pode ser considerado um instrumento de avaliação de aprendizagem. A plataforma possui vídeos curtos e que abrangem todas as áreas, seja uma curiosidade histórica, alguma resenha sobre jogos que estão lançando ou uma pauta sobre movimentos sociais.

Rocha e Farias (2020) afirmam que vídeos curtos são considerados pílulas de aprendizagem, que podem ser acessados através de dispositivos móveis diminuindo as dificuldades de sobrecarga cognitiva, além de que o compartilhamento de informações e saberes nas redes sociais contribui para a valorização do professor.

O aplicativo também proporciona publicar seus próprios vídeos. Ideal para se trabalhar nas aulas de História, utilizando a criatividade, o conteúdo e a disponibilidade do aplicativo para criar vídeos sobre os assuntos abordados em sala de aula. A utilização do *TikTok* no ensino possibilita que o aluno vivencie de perto a transdisciplinaridade, que consiga aprender de forma criativa e sem muita dificuldade. “Somos atraídos por conteúdo criativo, alegre, saudável e divertido – e fomos inspirados a ver nossa comunidade receber uma variedade de ideias e

conteúdos enriquecedores” (TikTok, 2020). O aplicativo abrange muitos conteúdos teóricos de forma prática e com entretenimento.

A proposta central é a utilização do *TikTok* como uma rede de aprendizagem transcultural. O objetivo pedagógico é a utilização da rede para a aprendizagem cooperativa com o auxílio do professor. O projeto pode ser desenvolvido em grupo e sobre assuntos ligados à vida cultural dos alunos, juntamente com os movimentos sociais e pode ter como ponto de partida uma música, um texto, um poema e até mesmo uma obra de arte, estimulando a criatividade e o protagonismo estudantil. Sobre a integração das tecnologias na sala de aula, de acordo com Matta:

Os alunos são levados à elaboração de um projeto de documento hipermídia. Após o projeto, os alunos deverão realizar a hipercomposição, procurando criar, na virtude do computador, aquilo que haviam elaborado no planejamento. Além do trabalho com multimídia, possibilitando a criação e manipulação de imagens, gráficos e efeitos sonoros, músicas ou entrevistas, de utilizar recursos de vídeo, criando enredos e relações complexas entre os elementos da tela, o aluno realizará a complexa operação de criar elos de conexão entre os diversos conteúdos que terá de elaborar e que estarão, a priori, desconexos (Matta, 2006, p.58).

Na prática, essa ideia pode ser simplificada quando se estabelece a construção do vídeo para o *TikTok*. Na plataforma os professores têm a oportunidade de passar conteúdos e conhecimentos para os alunos em um meio onde eles já estão inseridos e estarão livres para expor sua opinião sobre a temática e transferir a teoria para a prática.

3 ENSINO DE HISTÓRIA E GÊNERO: ABORDAGEM A PARTIR DO *TIK TOK*

Este capítulo pretende mostrar a importância de estudar a História das Mulheres em sala de aulas com o auxílio das mídias digitais, especificamente do aplicativo *TikTok*. Ele também aborda como o movimento feminista foi importante para a emancipação das mulheres e mostra a necessidade de ensinar sobre o movimento para crianças e adolescentes.

Historicamente as mulheres foram sub-representadas na história e na cultura, e ensinar a história das mulheres é uma maneira de ajudar a corrigir essa desigualdade. Ensinar sobre as lutas femininas no decorrer da história também ajuda os adolescentes a entenderem que as mulheres sempre estiveram na história de forma ativa e que suas contribuições são tão importantes quanto as dos homens.

A questão de gênero é importante em qualquer canto do mundo. É importante que comecemos a planejar e sonhar um mundo diferente. Um mundo mais justo. Um

mundo de homens e mulheres mais felizes e mais autênticos consigo mesmos. E é assim que devemos começar: precisamos criar nossas filhas de uma maneira diferente. Também precisamos criar nossos filhos de uma maneira diferente (Ngozi Adiche, 2015, p.28).

A educação permite formar cidadãos com capacidade para desenvolver habilidades críticas de pensamento e análise, bem como a empatia e a compaixão. Usar as mídias digitais como auxílio nas aulas aproxima o conteúdo para a realidade e o cotidiano da maioria dos alunos, trabalhar sobre gênero com o *TikTok* permite compreender um pouco mais sobre o conteúdo de forma dinâmica, através de metodologias ativas.

3.1 As mulheres na história: breve abordagem

No percurso da história, a mulheres tem lutado e resistido, mostrando, a partir de diferentes temporalidades históricas, sociedade e culturas, formas de protagonizar suas ações e em busca de seus direitos. A história ocidental é marcada por mulheres que iam contra sua condição de subalternidade, que lutavam por liberdade e que, por vezes, pagavam com sua vida, reagindo às formas de opressão as quais eram submetidas.

Esta busca, muitas vezes de equidade de direito, mostrava a intensidade de sua luta nas sociedades em que viviam, face aos enfrentamentos a que eram sujeitas, mostrando, na prática, que eram capazes de ocupar cargos que, na teoria, eram para homens.

O movimento feminista é marcado por ser um movimento social, político e econômico, que tem como objetivo lutar por direitos das mulheres. Lutar para que as mulheres deixem de ser vítimas de diversas formas de opressão social para levar à sociedade estruturas mais justas. “Feminista é o homem ou a mulher que diz: “Sim, existe um problema de gênero ainda hoje e temos que resolvê-lo, temos que melhorar”” (Ngozi Adiche, 2015, p.50)

As lutas das mulheres pela igualdade de direitos e por oportunidades possui raízes históricas. Grandes figuras femininas marcaram a História, uma delas é Amelia Earhart, conhecida por ser um símbolo importante no setor de aviação dos Estados Unidos e defensora dos direitos das mulheres.

Outro nome importante é Maria da Penha, que passou quase 20 anos lutando para que o seu agressor fosse punido, depois de passar seis anos sofrendo agressões e quase ser assassinada por seu ex-marido, que a deixou paraplégica em uma das agressões. Durante o processo, Maria escreveu o livro “Sobrevivi... posso contar”, em 1994, e foi através dela que hoje temos a Lei Maria da Penha, que protege mulheres que foram vítimas de agressão e violência doméstica.

Outra mulher que marcou a história foi Marie Curie, uma cientista que ficou conhecida por suas pesquisas sobre radioatividade, ela foi a primeira mulher a ganhar um prêmio Nobel, em 1903, sendo também a única mulher a conquistar o prêmio duas vezes, a segunda vez foi em 1911. Marie Curie também foi a primeira professora contratada pela Universidade de Paris, o que marcou o feito como sendo uma grande conquista para uma mulher na época.

O movimento feminista eclodiu como forma de resposta às desigualdades, opressões e desafios enfrentados pelas mulheres ao longo da história. As mulheres começaram a questionar e desafiar as normas sociais que as limitavam em questões de direitos políticos, econômicos e sociais. O movimento começou a ganhar força no final do século XIX e início do século XX. Com o decorrer dos anos, o movimento se expandiu e começou a incluir igualdade salarial, violência de gênero, representação política, direitos reprodutivos e igualdade no local de trabalho.

A própria educação sofria distinções: era ministrado para as mulheres a “educação doméstica”, ou trabalhos manuais (bordado, por exemplo) nos quais elas eram preparadas para o casamento e a vida doméstica.

O trabalho doméstico resiste às evoluções igualitárias. Praticamente, nesse trabalho, as tarefas não são compartilhadas entre homens e mulheres. Ele é invisível, fluido, elástico. É um trabalho físico, que depende do corpo, pouco qualificado e pouco mecanizado, apesar das mudanças contemporâneas. O pano, a pá, a vassoura, o esfregão continuam a ser os instrumentos mais constantes. É um trabalho que parece continuar o mesmo desde a origem dos tempos, da noite das cavernas à alvorada dos conjuntos habitacionais. No entanto, ele muda em suas práticas e em seus agentes (Perrot, 2019, p.115)

Historicamente, a divisão do trabalho baseado no gênero, na qual as mulheres são responsáveis pelo trabalho doméstico, se deu por fatores culturais, sociais e econômicos. A divisão de trabalho de forma desigual se formou por falta de acesso à educação e de oportunidades econômicas para as mulheres no decorrer da história.

Em suas lutas, as mulheres romperam com os papéis a elas atribuídos. Mulheres de várias classes sociais ocuparam espaço público no mundo do trabalho. Essa reação emergiu com a chamada modernidade e o Iluminismo, quando houve a declaração dos direitos dos homens e do cidadão, na Revolução Francesa, em 1789. Mesmo diante da declaração observou-se que não foi concretizada a igualdade: as mulheres continuaram a ser excluídas da cidadania e do poder.

O movimento feminista é um movimento que produz sua própria reflexão crítica sobre a realidade que leu e, assim, elabora suas pautas e ações. Historicamente, ele vem ocorrendo

em diferentes momentos da realidade histórica ocidental. A primeira onda feminista aconteceu a partir das últimas datas do século XIX, e foi identificada com a luta pela isonomia e pelo direito a voto, vale chamar a atenção para a atuação das *suffragettes* na Inglaterra, que promoveram grandes manifestações em Londres e greve de fome em defesa da igualdade entre homens e mulheres.

As *suffragettes* brasileiras tiveram Bertha Luiz como líder, uma bióloga e cientista de grande importância, que foi para fora do Brasil estudar e voltou na década de 1910, dando início à luta pelo voto. Várias organizações e congressos internacionais foram criados, como a Aliança Internacional para o Sufrágio Feminino e o Conselho Internacional de Mulheres, que chegou a ter sete milhões de membros distribuídos por 24 países.

As protagonistas dessa primeira onda foram mulheres de classe média, embora a maioria das manifestantes que deram visibilidade a essa onda eram mulheres oriundas da classe trabalhadora, lutando contra as péssimas condições de vida e trabalho a qual estavam submetidas, buscando a equidade na jornada de trabalho e direitos sociais.

A segunda onda feminista ocorreu entre as duas guerras mundiais, nela se iniciam as pautas culturais que questionam os papéis sociais atribuídos a homens e mulheres na vida política, no trabalho e nas relações afetivas. Nesse mesmo momento algumas mulheres assumiram trabalhos considerados masculinos, e somente após a Segunda Guerra mundial alguns estados cederam à pressão das mulheres e reconheceram-lhes alguns direitos, como o de votar.

Em 1948, a Declaração Universal dos Direitos Humanos reconheceu a igualdade entre sexos, assim como a igualdade entre os cônjuges. Na segunda metade do século XX a sexualidade perde seu domínio privado e começou a ser entendida como uma relação de poder entre os sexos. A sexualidade passou a ser essência política.

As feministas há muito tempo reconheceram como imperativo o trabalho de procurar, definir e criticar a complexa realidade que dirige nosso modo de pensar, os valores que defendemos e as relações que compartilhamos, especialmente no que se refere ao gênero. Se o contexto é o que conta, o feminismo, em suas diversas formas, está obrigado a descobrir o que nos rodeia e a nos revelar as relações de poder que constituem as criaturas que vamos ser. ‘O pessoal é político’ é o credo desta prática com sentido crítico” (Dietz, 1999, p. 3).

Observamos que, enquanto na primeira onda do feminismo as mulheres reivindicaram a participação no espaço público e a garantia de condições igualitárias no mundo do trabalho, na segunda onda elas realocalizaram o sujeito, o situando no espaço privado, onde deveria emanar todas as desigualdades.

Podemos destacar a reação de duas mulheres que foram referências históricas para a luta das mulheres do século XIX: Olympe de Gauges, que elaborou a Declaração dos Direitos das Mulheres e cidadãs em 1791, e Mary Wollstonecroft, que escreveu um livro sobre as reivindicações dos direitos das mulheres, tais como uma educação igual para ambos os sexos.

Durante a Revolução Industrial as mulheres ingressaram nas fábricas, porém, quando exerciam seu trabalho, apesar de terem longas jornadas de trabalho, recebiam menos que os homens em meio a condições abusivas. Esse evento deu origem ao dia 8 de março.

O feminismo dos anos 90 do século XX, dedicou-se às questões de diversidade entre as mulheres. A terceira onda do feminismo surgiu a partir de 1990 como uma resposta às supostas falhas da segunda onda e, pela primeira vez, englobou o feminismo negro. Teve o intuito de combater os preconceitos de classes e começou a incluir a mulher trans ao movimento, se tornando cada vez mais um movimento cultural e político.

As discussões sobre identidade de gênero foram importantes para a formulação de um projeto político mais amplo, com uma maior repercussão social. As feministas presentes na terceira onda foram capazes de reconhecer o caráter histórico-discursivo sobre a categoria “mulheres” e o potencial positivo das heterogeneidades e pluralidades.

As lutas feministas continuaram e alguns direitos foram conquistados. O movimento sufragista, no século XX, alcançou o direito ao voto feminino em diferentes partes. No Brasil diversos autores e historiadores escreveram sobre o direito ao voto, como a socióloga e pesquisadora Berenice Bento, a historiadora Maria Odila da Silva Dias e a professora e historiadora Margareth Rago. O direito ao voto feminino foi alcançando durante o primeiro governo de Vargas, em 1932. Na década de 1960, a pílula anticoncepcional promoveu a liberação sexual, o que afetou as relações afetivas. Em 1975 o movimento ganhou intensas mobilizações pelo mundo inteiro, através de conferências. Nesse movimento as mulheres iam ampliando seu espaço no mercado de trabalho e produzindo uma mesa enorme de estudos, pesquisas e debates sobre suas condições em vários campos de conhecimento.

O feminismo é um movimento político e global, que apresenta pautas consistentes e unificadoras dos direitos das mulheres. O gênero foi visibilizado, apontando o caráter cultural do que foi atribuído a mulheres e homens nas sociedades, ajudando a reforçar a desbiologização e a desnaturalização na constituição do sujeito “mulheres”. O maior desafio da história do projeto feminista foi quebrar a lógica do caráter secundário dos seus problemas, objetos e fundamentos. As mulheres, como integrantes da história da humanidade, também fazem história

Os movimentos feministas lutaram pela emancipação feminina e por igualdade de direitos civis, sociais, sexuais, políticos e econômicos. Foram as feministas que começaram a

ser ativas nos debates políticos e questionar as construções culturais dos papéis históricos femininos e masculinos em todas as épocas. No ambiente disciplinar da História, é “preciso ser lembrada para não ser esquecida” (Rocha, 2015). Isso se refere à importância da crítica feminista para a emergência das mulheres como sujeito das narrativas históricas.

Escrever sobre a história das mulheres é um ato político e que nos exige pensar através das suas possibilidades transformadoras e emancipadoras, é um ato que nos leva a praticar a história lutando para assegurar que qualquer cidadão tenha sua dimensão humana. Trabalhar sobre a história das mulheres exige “provar e comprovar” que somos pessoas atravessadas de historicidade, igualmente construídas em meio à experiência histórica, ao dinamismo do tempo histórico, que envolve a relação, sempre assimétrica, entre espaços de experiência e horizonte de expectativa (Koselleck, 2006, p. 205-227).

Como defendeu Hannah Arendt (1995), a história das mulheres se impõe, faz e tem todo sentido. Se acreditarmos no potencial de mudança entre as relações humanas, daremos luz à orientação cidadã, proporcionando visibilidade e dizibilidade, fazendo parte de uma inteligibilidade histórica, assegurando às mulheres seu direito ao espaço de fala e lugar de sujeito na sociedade inserida.

É importante reconhecer a historicidade, conseguir compreender e atender à carência que todo ser humano tem de se localizar em seu tempo, como pontuou Rüsen (2001, p.11): “orientar-se em meio à mudança que experimenta em seu mundo e em si mesmo”. A história das mulheres precisa ser historicizada, desnaturalizada e localizada como criação humana. E se a história é comporta por reflexos de desigualdades e preconceitos instalados na sociedade, ela também poderá ser um espaço para realizar mudanças e, por que não, iniciar essa mudança na sala de aula, levando os alunos a entenderem a importância de estudar sobre a história das mulheres e a sua importância?

A internet contribui como espaço público que possibilita que as mulheres falem e escrevam sobre si, ajudando outras mulheres e propagando informações. Carolina Branco de Castro Ferreira (2015) pontuou que o meio de comunicação digital é um espaço que contribui para que as mulheres possam passar das fronteiras do privado, fortalecendo suas lutas e ajudando outras mulheres. Ana y Montserrat Boix de Miguel (2013) também pontuou a importância de usar as mídias digitais para propagar o movimento feminista e intensificar a luta, destacando o termo “ciberfeminismo”. Segundo a autora,

O ciberfeminismo se constitui cada vez mais como uma interessante alternativa. Nós, mulheres conseguimos conquistar nosso próprio espaço na rede online. Não se trata de um território exclusivo, mas temos demonstrado sempre sermos capazes de

estabelecer nossas próprias regras neste novo meio, disputando [...] o espaço virtual do patriarcado (De Miguel, 2013, p.25).

O ciberfeminismo pode ser entendido como uma interação do feminismo no ciberespaço, onde a *internet* pode atuar como uma forma de articulação das lutas feministas, possibilitando uma maior propagação e disponibilizando mais fontes para serem estudadas em sala de aula.

Estudar sobre a história das mulheres é aprender a reconhecer a persistência do passado no presente, levando às práticas por uma pedagogia feminista mais intensificada. É preciso educar crianças para se tornarem adultos com a consciência de que todos são iguais e possuem os mesmos direitos.

Chimamanda Ngozi Adiche argumentou, em seu livro *Para educar crianças feministas*, sobre a importância de educar meninas e meninos da mesma forma, porque quando há igualdade não existe ressentimento. Citando Chimamanda “Os estereótipos de gênero são tão profundamente incutidos em nós que é comum os seguirmos mesmo quando vão contra nossos verdadeiros desejos, nossas necessidades, nossa felicidade” (Chimamanda, 2017, p.28).

As mulheres, por vezes, são esperadas para serem cuidadoras (a exemplo da casa e dos filhos) e pessoas passivas, enquanto esperam que os homens sejam líderes e bons em ciências exatas. Esses estereótipos levam a consequências negativas para homens e, principalmente, para mulheres, podendo limitar suas escolhas e oportunidades de carreira e até mesmo afetar a sua saúde mental, criando jovens ansiosos e com pouca expectativa para a vida. É importante reconhecer e desafiar esses estereótipos para criar uma sociedade mais inclusiva e igualitária.

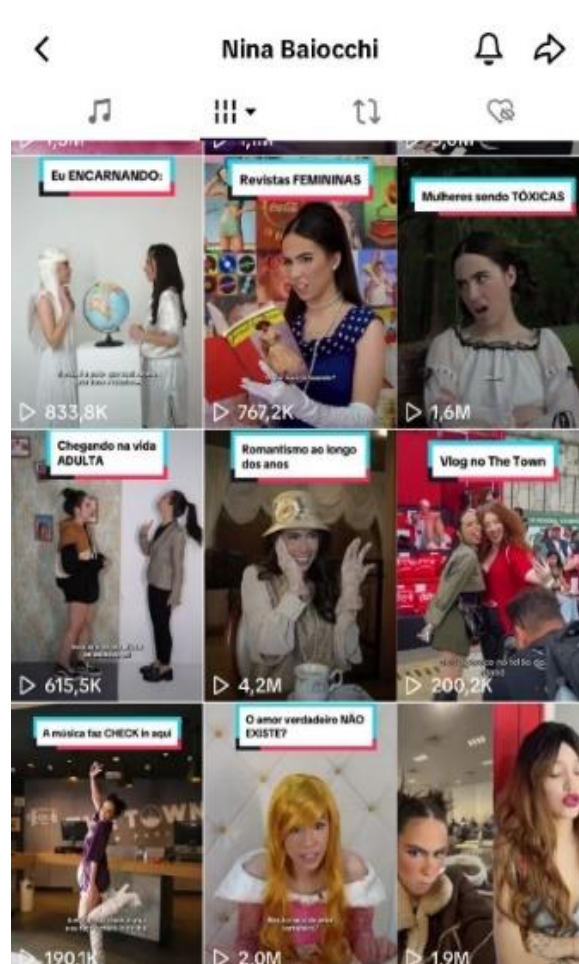
Como Chimamanda pontuou em seu livro, na página 38, é necessário ensinar as crianças e os adolescentes a questionarem os homens que só conseguem sentir empatia por mulheres que estão dentro de uma rede de relação, e não como indivíduos humanos iguais.

É preciso ensinar que as mulheres não precisam ser defendidas e reverenciadas, elas apenas precisam ser tratadas como seres humanos iguais. “Ensine-a a questionar o uso seletivo da biologia como “razão” para normas sociais em nossa cultura. Muitas vezes usamos a Biologia para explicar os privilégios dos homens, e a razão mais comum é a superioridade física masculina” (Chimamanda, 2017, p.61-62). As mulheres são tão poderosas quanto os homens. Acaba sendo ensinado às meninas a se preocuparem com o que os meninos e a sociedade pensam e falam sobre elas, mas não acontece o oposto: os meninos não são ensinados a se preocuparem com opiniões e ações.

É importante que comecemos a planejar e sonhar com um mundo diferente. Um mundo mais justo. Um mundo de homens mais felizes e mulheres mais felizes, mais autênticos consigo mesmo. E é assim que devemos começar: precisamos criar nossas filhas de uma maneira diferente. Também precisamos criar nossos filhos de uma maneira diferente (Ngozi Adiche, 2017, p.28)

A história nos mostra grandes mulheres que marcaram épocas por seu poder, garra e força. É possível ensinar sobre a história das mulheres através da plataforma *TikTok*, como, por exemplo, os vídeos da criadora de conteúdo Nina Baiocchi, que aborda grandes histórias marcada por mulheres e sua evolução no decorrer das épocas com um toque de ironia e sarcasmo, deixando a educação mais dinâmica e enriquecedora, na qual o aluno estudará a importância das mulheres na história através das mídias digitais.

Figura 1 – Perfil de Nina Baiocchi



Fonte: <https://www.tiktok.com/@ninabaiocchi? t=8h8gAzY2lgk& r=1>

Em um dos seus vídeos Nina narra a história de Frida Khalo como uma das maiores pintoras de todos os tempos, Cleópatra sendo uma das maiores rainhas, Joana D'arc aparece

sendo uma das maiores guerreiras e a Rainha Elizabeth sendo uma das maiores governantas de todos os tempos, ambas discutindo sobre sua época e com algumas críticas, mostrando sua atuação na época, o vídeo é curto e possui 1 minuto e 28 segundos.

Figura 2- Representação de Frida



Fonte: <https://vm.tiktok.com/ZMj77Kx1g/>

Em discussão com as outras mulheres, Frida Kahlo afirma ser uma das maiores pintoras de todos os tempos, fazendo algumas críticas à Rainha Elizabeth por vir de uma família rica e não precisar trabalhar. Frida também fala no vídeo como funciona um pouco das suas pinturas, que são autorretratos e recebe um comentário da Cleópatra insinuando que ela pinta macacos. Logo em seguida a Rainha Elizabeth explica que Frida pinta quadros narrando suas dores, sentimentos e emoções, se tornando um verdadeiro ícone feminino na arte.

Figura 3 - Representação de Cleópatra



Fonte: <https://vm.tiktok.com/ZMj77Kx1g/>

Cleópatra surge no vídeo representando uma das maiores rainhas de todos os tempos, conversando com as outras mulheres sobre as dificuldades de comandar um reino, como a exemplo de ter que “dar um jeito”, ou seja, executar o seu próprio irmão para conseguir governar. Cleópatra também pede que Frida Khalo faça um quadro dela para realçar bem a sua beleza. É nesse momento que a rainha Elizabeth explica como funciona as pinturas da Frida.

Figura 4 – Representação de Joana D’arc



Fonte: <https://vm.tiktok.com/ZMj77Kx1g/>

Joana D'arc representa, no vídeo, a maior guerreira de todos os tempos. Ela aborda que sua jornada não foi fácil e, da mesma forma que a rainha Cleópatra, ela também precisou “dar um jeito”, só que nos ingleses, para conseguir vencer a guerra, o que causa um pouco de desconforto com a Rainha Elizabeth, visto que ela é inglesa. Logo em seguida a Frida indaga perguntando se vai ter treta entre a França e a Inglaterra, mas elas mudam de assunto logo em seguida.

Figura 5 – Representação da Rainha Elizabeth



Fonte: <https://vm.tiktok.com/ZMj77Kx1g/>

A Rainha Elizabeth aparece no vídeo interagindo com as outras mulheres e representando a maior governanta de todos os tempos. No decorrer do vídeo Frida Khalo pergunta quantos anos ela viveu, a rainha começa a descrever que viveu 1939 (Segunda Guerra Mundial), 1961-1989 (Queda do Muro de Berlim), 1947-1991 (Guerra Fria), 1969 (chegado do homem à lua), 1992 (surgimento da *internet*) e 2020 (pandemia do Covid-19), levantando indagações sobre como conseguiu viver tanto tempo. E é a Rainha Elizabeth que explica para outras mulheres sobre as pinturas da Frida, mesmo Frida criticando a rainha por vir de uma família rica.

No final do vídeo as figuras históricas ali representadas levantam reflexões sobre como se tornaram figuras poderosas e importantes para humanidade sem precisar de um parceiro para

mostrar os talentos para o mundo. Elas narram como seus feitos foram frutos da sabedoria, principalmente para lidar com situações difíceis. E foi graças ao que elas fizeram que se tornaram inspirações para outras mulheres, através da sua força e garra.

No *TikTok* também são encontrados vídeos que falam sobre os movimentos feministas, como o perfil @fgv.oficial, que aborda e ensina sobre o movimento feminista e as três ondas com a União das Mulheres da FGV, um vídeo com duração de 2 minutos e 33 segundos.

Figura 6 – Perfil fgv.oficial



Fonte: <https://vm.tiktok.com/ZMjWb3Ecq/>

No vídeo a primeira onda do feminismo é narrada do seu início, no século XIX ao final do século XX. Ele mostra como inicialmente suas pautas eram as lutas pelos direitos políticos, com o sufrágio universal. Logo em seguida começa a explicar como surgiu a segunda onda feminista, que foi por direitos sociais.

Encontramos no vídeo, seguindo a fala da representante: “As mulheres lutaram por direito ao próprio corpo, direito às suas propriedades, na época existia a chamada “Lei da Família” que basicamente significava que toda propriedade da mulher era gerida primeiro pelo pai e depois que ela se casava, era gerida pelo marido, ou se não se casasse era por um parente homem mais próximo” A luta crescia cada vez mais, e a cada onda novos direitos iam surgindo.

Figura 7 – Vídeo aprenda sobre as 3 ondas do feminismo



Fonte: <https://vm.tiktok.com/ZMjWb3Ecq/>

Seguindo o vídeo vamos aprender um pouco mais sobre a terceira onda do feminismo, que ocorreu no final do século XX e início do século XIX. Vejamos algumas falas extraídas do vídeo:

“Trouxe a interseccionalidade, que a primeira e a segunda onda não determinavam quais mulheres eram atendidas por aquele feminismo, então a interseccionalidade trouxe as diferenças que importam na vida da mulher, como por exemplo o recorde e mulher e classe social e mulher e etnia” [...]. “Todas as ondas têm em comum esse incômodo que se coloca a mulher” O vídeo segue mostrando a importância de estudar sobre o feminismo e como o assunto é presente no nosso dia a dia. É mencionado também o livro da Chimamanda Ngozi Adichie – *Sejamos todos feministas*.

Ao assistir o vídeo podemos aprender como se deram as ondas feministas e a sua importância para os dias atuais. Por estar inserido em uma plataforma de fácil acesso para os jovens, o *TikTok* nos permite assistir e criar vídeos de todas as áreas e sobre vários conteúdos. É importante ensinar e debater sobre gênero nas escolas para desenvolver a compreensão e conscientização dos estudantes sobre a igualdade entre homens e mulheres. Ao ensinar sobre gênero nas escolas, os jovens são incentivados a refletir sobre as desigualdades enfrentadas na sociedade e buscar soluções que possam promover a equidade.

De acordo com a agência Brasil, matéria publicada em março de 2023, uma mulher é vítima de violência doméstica a cada 4 horas no Brasil, o feminicídio é um dado da realidade. Segundo o Laboratório de Estudos de Feminicídios (LESFEM), foram apresentados dados de todo o país coletados pelo Monitor de Feminicídios no Brasil (MFB) no período de janeiro a julho de 2023, através de notícias veiculadas e ferramentas digitais de pesquisa, foram registrados 1.153. É um assunto que precisa ser debatido em todas as áreas, principalmente nas escolas, para que os jovens cresçam conscientes.

É importante que os alunos compreendam os direitos das mulheres e como respeitá-los. A propagação dos vídeos do *TikTok* permite que uma maior quantidade de informação circule sobre o assunto nas redes sociais. Isso pode acontecer através de aulas que abordem a legislação relacionada aos direitos das mulheres, como por exemplo a lei Maria da Penha. A empatia em nossos estudantes pode ser desenvolvida através de atividades que estimulem a reflexão e a sensibilização, como a leitura ou criação de vídeos que tragam relatos de vítimas de violência doméstica, ou com a realização de projetos que abordem o tema.

Outro exemplo de vídeo bastante interessante e que nos ensina sobre o feminismo e o que o movimento defende está disponível no perfil *@Seligaenemvestibulares*, que também possui vídeos sobre outros conteúdos que são ensinados em sala de aula e serve de apoio para estudantes que estão se preparando para o Enem. *O que o feminismo defende* é um vídeo curto, com duração de 1 minuto e 38 segundos. O vídeo vai ensinar que o feminismo é um movimento social, político e teórico que busca combater a opressão contra as mulheres.

Figura 8 – Perfil @seligaenemvestibulares



Fonte: <https://www.tiktok.com/@seligaenemvestibulares?t=8h8iwikeNXC&r=1>

Figura 9 – Vídeo o que o feminismo defende?



Fonte: <https://vm.tiktok.com/ZMjWg19hD/>

No vídeo a professora explica sobre as opressões sofridas pelas mulheres dentro da sociedade patriarcal, ela também ensina como compreensões sociais e culturais foram formadas a partir das perspectivas e das necessidades dos homens, levando à dominação masculina. Ela também explica como se deu a criação dos papéis de gênero na sociedade, que acabam limitando e reduzindo as potencialidades das mulheres, o que significa que elas não podem se desenvolver de forma plena como ser humano. Logo em seguida é abordado como o feminismo combate exatamente o que foi falado no início do vídeo, é uma luta contra esses papéis de gênero.

Gênero é uma construção social que influencia as relações e interações humanas. Estudar sobre gênero nos permite analisar criticamente as desigualdades e injustiças que surgiram a partir da construção social. Essa discussão é fundamental para promover a conscientização e a igualdade e contribuir para formação de cidadãos críticos e empáticos.

Soraia Carolina de Mello (2019, página 01) apontou que entender a historicidade e “evidenciar as desigualdades é pré-requisito fundamental para se pensar e construir as transformações.” De acordo com Sara Ahmed (2015) compreender a historicidade das relações de poder entre homens e mulheres é analisar e perceber que nem tudo “sempre foi assim”, e esse é um dos primeiros passos para que possamos mudar as estruturas de dominação. Sendo assim, “é pra isso que servem os estudos feministas, para transformar e salvar vidas, para erradicar escandalosas e históricas injustiças sociais” (MELLO, 2019, p.1). Para que os estudos

feministas possam transformar as vidas dos alunos é preciso articular os saberes acadêmicos aos saberes escolares. Sendo assim, pensamos nas possibilidades relacionadas ao ensino de História, permitindo dar início a uma pedagogia realmente feminista, a uma educação como prática da liberdade (hooks, 2013).

Através dos vídeos podemos ter uma melhor compreensão de como o feminismo funciona e quais são seus objetivos para com a sociedade. Aproximar os alunos do conteúdo através da *TikTok* é trazer a realidade para sua plataforma de entretenimento. Por já possuir o contato com a rede, o conteúdo se tornará mais didático e até mesmo criativo, o aluno irá adquirir informações com vídeos curtos e educativos. Para além disso, o aplicativo pode ser pensado como um espaço público que irá possibilitar que mulheres falem por si, ocupando espaços.

O *TikTok* possui a *hashtag* #AprendaNoTikTok, que se popularizou bastante, trazendo conteúdos de forma criativa, didática e divertida. Na área do ensino da História a ferramenta pode trazer tanto a realidade do aluno como também algum conteúdo ou movimento social trabalhado na disciplina, e pode ser usado como avaliação da aprendizagem. “Nossa comunidade foi atraída por vídeos que destacam experiências científicas únicas, truques de vida útil, truques matemáticos criativos, projetos fáceis de bricolagem e mensagens e conselhos motivacionais” (TikTok, 2020). Os professores podem sugerir que seus alunos gravem vídeos com o objetivo de mostrar o que aprenderam em sala e que possam compartilhar com seus colegas.

Incentivar a produção de vídeos faz com que os alunos assumam um papel ativo na sua própria forma de aprender. Nesse caso o aluno vai ter mais facilidade para realizar a tarefa, já que ele é inserido no meio tecnológico, ao mesmo tempo em que pesquisa, seleciona e analisa as informações que vão estar no vídeo. O incentivo à interação cria um ambiente de aprendizagem colaborativa e que estimula a participação ativa dos estudantes. Adotar estratégias de ensino ao formato *TikTok* mantem o conteúdo educacional relevante, preciso e atraente para o aluno.

O *TikTok*, por ser uma plataforma que está presente no cotidiano da maioria dos jovens adolescentes, especificamente nas turmas de 1º ao 3º ano do Ensino Médio, se torna um meio viável de educar e servir como complemento para as aulas. O uso da plataforma na educação pode ajudar a chamar a atenção dos alunos e melhorar a aprendizagem das novas gerações, aproximando o aluno da sala de aula. Ele também pode ser usado para exemplificar assuntos, gravar dicas para os alunos e inovar nas atividades avaliativas. Através do uso do aparelho celular, e acessando vídeos como estes trabalhados, podemos aproximar a realidade histórico

social e o debate de gênero na sala de aula, contribuindo para a aprendizagem histórica e escolar. Estudar gênero com o *TikTok* permite uma maior compreensão e propagação do conteúdo. Por serem vídeos curtos, acabam prendendo mais a atenção do aluno. Incluir a história das mulheres no ensino de História não significa apenas adicionar metade da população, mas democratizar a história.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As novas inovações tecnológicas possuem o potencial de melhorar a qualidade da educação, proporcionando recursos educacionais mais dinâmicos e adaptáveis às necessidades dos alunos. A tecnologia é uma ferramenta que vem crescendo bastante no campo educacional, ela promove a aprendizagem e o engajamento dos alunos.

Um dos motivos que me levou a escolher a rede *TikTok* como objeto de trabalho foi por conseguir trabalhar o conteúdo de forma criativa e inovadora, criando conteúdos educacionais interativos e atrativos, tornando a aula de História mais dinâmica. Além de ensinar sobre gênero, o aplicativo também pode promover a alfabetização digital e a capacidade crítica para lidar com a rede de informações encontradas nas redes sociais.

A luta das mulheres foi e vem sendo uma luta histórica, cultural, social e política. A educação é um ato político, falar sobre as mulheres para as turmas de ensino médio nas aulas de História é uma forma de conscientizar historicamente sobre esse papel educacional das mulheres, buscando o respeito dos estudantes que estão em sala e abordando a importância da luta delas na sociedade.

Trabalhar com mulheres e tecnologia através do *TikTok* se mostrou uma forma eficaz de desenvolver a representatividade e a inclusão com criação de vídeos nas redes sociais, possibilitando também que outras mulheres interajam nos vídeos, contando suas histórias ou acrescentando fatos ao conteúdo trabalhado.

O *TikTok* se apresenta como uma rede social que proporciona a troca de conhecimentos e experiências, contribuindo para que as mulheres tenham cada vez mais voz ativa e que se façam presentes em todos os campos, especialmente educacionais. É importante ressaltar que o ensino das mulheres através das mídias digitais, como no *TikTok*, deve ser feito de forma ética e responsável, garantindo que os alunos consigam compreender o que os vídeos querem falar e transmitir.

O trabalho com mulheres e tecnologias digitais traz benefícios quando feito de maneira responsável, inclusiva e consciente. Discutir sobre gênero nas aulas de História propõe um olhar

mais amplo sobre os acontecimentos históricos e a importância das mulheres na história, que muitas vezes acaba sendo ocultado, é necessário sempre mencionar e debater sobre figuras históricas femininas nas aulas de História. A inclusão das mulheres nestas aulas permite que os alunos desenvolvam uma compreensão mais completa e certa do passado, além de ajudar a promover a igualdade de gênero, combatendo preconceitos e estereótipos que foram construídos no decorrer da história.

Ao estudar sobre a história das mulheres e o feminismo os alunos terão a oportunidade de aprender sobre as conquistas, realizações e feitos que as mulheres conseguiram ao longo dos anos, em diferentes contextos culturais, políticos e sociais, como o primeiro exemplo mencionado no segundo capítulo, no qual as mulheres estavam debatendo sobre suas conquistas e quem foram na história. Ao ensinar sobre esse tema os professores e professoras irão proporcionar que os alunos estudem e entendam sobre as desigualdades de gênero na sociedade, seus motivos e como podem ajudar para formar uma sociedade igualitária e justa, além de aprender mais sobre história. Estudar sobre o feminismo se torna importante para promover a igualdade de gênero e a inclusão, além de ajudar os alunos na compreensão do passado.

Foi importante trabalhar esse tema porque posso mostrar para os jovens do ensino médio a importância dos movimentos sociais e do feminismo para com a nossa sociedade, conscientizá-los sobre o assunto num ambiente onde a grande maioria está inserida – mídias digitais. Além de tudo as plataformas digitais estão sendo utilizadas com o intuito de criar um ambiente *online* seguro e inclusivo, onde as pessoas poderão se conectar e trocar conhecimentos apoiando umas as outras.

REFÊRENCIAS

ARAÚJO, T. O. Tecnologias móveis na educação: reflexões e práticas. **LínguaTec**, v. 5, n. 1, p. 59-80, 2020.

APPHIAH, Kwame Anthony. Entrevista. Caderno Prosa. **O globo**, 5 jan. 2012.

BAIOCCHI, NINA. **TikTok**, 2023 Disponível em:
https://www.tiktok.com/@ninabaiocchi?_t=8h8gAzY2ljk&_r=1. Acesso em 05/08/2023

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). **Educação é a Base**. Brasília: MEC/CONSED/UNDIME, 2017.

BRASIL. Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica. **Ministério da Educação Brasília**: MEC; SEB; DICEI, 2013.

BRASIL REGISTRA 1153 FEMINÍCIDIOS ATÉ JULHO DE 2023. UEL. 2023 Disponível em: <https://sites.uel.br/lesfem/brasil-registra-1-153-feminicidios-ate-julho-de-2023/#:~:text=O%20Laborat%C3%B3rio%20de%20Estudos%20de,e%20ferramentas%20digitais%20de%20pesquisa>. Acesso em: 10/10/2023.

BRASIL. Resolução CNE/CEB n.4 de 13 de julho de 2010. Câmara da Educação Básica – CEB. Conselho Nacional de Educação. Define Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica. **Diário Oficial [da República Federativa do Brasil]**, Brasília, 14 de julho de 2010. Seção 1. P.824.

CASTELLS, M. A. **Sociedade em rede**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1999.

CGI.br - Comitê Gestor da Internet no Brasil. **Pesquisa sobre o uso das tecnologias e comunicação nos domicílios brasileiros: TIC Domicílios 2019**. 1ª edição. São Paulo: CGI.br, 2020a.

CGI.br - Comitê Gestor da Internet no Brasil **Pesquisa sobre o uso da internet no Brasil durante a pandemia do novo coronavírus: Painel TIC COVID-19**. 3ª edição. São Paulo: CGI.br, 2020b.

CANDAU, Vera Maria Ferrão. Ser professor/a hoje: novos confrontos entre saberes, culturas e práticas. Educação, Porto Alegre, v.3, n.1, pp. 33-41, jan/abr 2014.

COMMISSION ON INSTRUCTIONAL TECHNOLOGY. **To improve learning**. Washington D. C. Committee on Education and Labor, House of Representatives, 1970.

DE MIGUEL, Ana y Montserrat Boix. Los géneros em la red: los ciberfeminismos. In: NATANSHON, Graciela (coord.). **Internet em código feminino**. Buenos Aires: ICRJ, 2013.

DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y. S. Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y. S. (Orgs.). **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 15-41.

DIETZ, Mary. O contexto é o que conta: feminismo e teorias da cidadania. In: LAMAS, Marta **Cidadania e feminismo**. São Paulo: Melhoramentos, 1999.

DUBET, François. Mutações cruzadas: a cidadania e a escola. **Revista Brasileira de Educação**, v.16, n.47,[s.p.], maio/ago. 2011.

FERREIRA, Carolina Branco de Castro. Feminismos Web: linhas de ação e maneiras de atuação no debate feminista contemporâneo. **Cadernos Pagu**. [s.l.], vol.44, pp.199-228, jan-jun., 2015.

FUSS, Diana. Essentially speaking: Luce Irigaray's language of essence. **Hypatia**, French feminist philosophy, vol. 3, n. 3, p. 62 -80, 1989.

FGV OFICIAL. TikTok. 2023. Disponível em: <https://vm.tiktok.com/ZMjWb3Ecq/> Acesso em: 07/09/2023.

GADOTTI, M. Perspectivas atuais da educação. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, vol. 14, n.2, [s.p.], 2000.

GITLIN, Todd. **Mídias sem Limite**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

GROSSI, M. G. R.; FERNANDES, L. C. B E. Educação e tecnologia: o telefone celular como recurso de aprendizagem. **EccoS Revista Científica**, São Paulo, n. 35, p. 47-65, 2014.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: educação como prática da liberdade**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013

IMBERINÓN, Francisco. **Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza**. 7ª ed. São Paulo: Cortez, 2010.

KENSKY, Vani Moreira. O que são tecnologias e por que elas são essenciais. In: KENSKY, Vani Moreira. **Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação**. 8. ed. Campinas: Papirus, 2012

KENSKI, V. M. **Tecnologias e ensino presencial e à distância**. 9ª ed. Campinas: Papirus, 2012.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.

LEE, Peter. “Por que aprender História? **Educar em Revista**. Dossiê: História, epistemologia e ensino: desafios de um diálogo em tempos de incertezas. [s.l.], [s.p.], 2011.

LEMONS, André; LEVY, Pierre. **O futuro da internet: em direção a uma ciberdemocracia planetária**. São Paulo: Paulus, 2010.

LOPES, P. A.; PIMENTA, C. C. C. O uso do celular em sala de aula como ferramenta pedagógica: benefícios e desafios. **Revista Cadernos de Estudos na Educação Básica**, Recife, v. 3, n. 1, p. 52-66, 2017.

MAKE YOUR DAY. **TikTok** 2020. Disponível em: < https://www.tiktok.com/pt_BR/>. Acesso em: 03 jun. 2020.

MARTINSI, M. C. Situando o uso das mídias em contextos educacionais. 2008. **UFRGS** Disponível em: http://penta3.ufrgs.br/MECCicloAvan/integração_mídias/módulos/1_introdutorio/pdf/etapa2_1_situando_usoMídias_Beth.pdf. Acesso em: 10 set. 2020.

MATTA, Alfredo. **Tecnologia de Aprendizagem em Rede e Ensino de História: Utilizando comunidades de aprendizagem e hipercomposição**. Brasília: Líber Livro Editora, 2006.

McLAREN, Peter. **Multiculturalismo crítico**. São Paulo: Cortez, 1997.

MONTEIRO, Jean Carlos da Silva. Tiktok como Novo Suporte Midiático para a Aprendizagem Criativa. **Revista Latino-Americana de Estudos Científico**, v1, n.2, p.5-20, 2020

MORAN, José. Metodologias ativas para uma aprendizagem profunda. In: MORAN, José; BACICH, Lilian (Org.). **Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática**. Porto Alegre: Penso, 2018.

MORAN, J. Ensino e aprendizagem inovadores com tecnologias audiovisuais e telemáticas. In: MORAN, J. M.; MASETTO, M. T.; BEHRENS, M. A. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 17ª ed. Campinas, SP: Papyrus, 2010. p. 11-66.

NO BRASIL UMA MULHER É VÍTIMA DE VIOLÊNCIA A CADA QUARTRO HORAS. **Agência Brasil**. 2023. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2023-03/no-brasil-uma-mulher-e-vitima-de-violencia-cada-quatro-horas> Acesso em: 10/10/2023.

PEREZ GOMEZ, Angel I. **A cultura escolar na sociedade neoliberal**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2019.

RAMOS DO Ó, Jorge. Entrevista realizada por Francisco Eboli com RAMOS DO Ó, Jorge e com COSTA, Marisa Vorraber. Desafios à escola contemporânea: um diálogo. **Revista Educação e Realidade**, Porto Alegre, v.32, n.2, p.109-116, jul./dez.2007.

RYAN Ann, WEBSTER R. Scott. Teacher reflexivity: an important dimension of a teacher's growth. In: Webster R., Whelen John. (eds), **Rethinking reflection and ethics for teachers**. Springer: Singapore, pp 65-79, 2019.

ROCHA, Ana Vitoria S. C. Lembrar para não esquecer: qual a importância do Dia Internacional da Mulher? In: **Imprensa Feminista**, 08/03/2015.

RODRIGUES, F.; SEGUNDO, G.; RIBEIRO, L. O uso do celular na sala de aula e a legislação vigente no Brasil. In: **Anais do III Congresso sobre Tecnologias na Educação – Ctrl+E**. Fortaleza: CEUR, 2018.

ROSADO, Janaína; ALVES, Lynn. Circulação e Propagação de Informações: Professores Conectados no Facebook. **RENOTE-Revista Novas Tecnologias na Educação**,[s.l.], v. 16, n. 1, [s.p.], 2018.

RÜSEN, Jörn. **Razão histórica**. Teoria da História: o fundamento da ciência histórica. Brasília: Ed. UnB, 2001.

SANTOS, Edméa. **Educação online: cibercultura e pesquisa-formação na prática docente**. 2010. Tese de doutorado (Programa de Pós Graduação em Educação). Salvador: FAGED-UFBA, 2005. 351f..

SANTOS, Edméa. **Pesquisa-formação na Cibercultura**. Teresina: EDUFPI, 2019.

SE LIGA ENEM VESTIBULARES. **TikTok**. 2023. Disponível em: <https://www.tiktok.com/@seligaenemvestibulares? t=8h8iwikeNXC& r=1> Acesso em: 09/09/2023

SILVA, C. O. O ensino de Língua Espanhola mediado por uma ferramenta tecnológica “blog”. In: SILVA, C. C.; RICON, N. M.; SILVA P. M. L. **Ensino de Línguas: práticas em sala de aula, desafios para o século XXI**. Rio de Janeiro: Ed. Mares, 2018. P. 218-243.

SIMENS, G. **Conectivismo: uma teoria de aprendizagem para a idade digital**. 2014. Disponível em: <[http:// wiki.papagallis.com.br/George_Siemens_e_o_conectivismo](http://wiki.papagallis.com.br/George_Siemens_e_o_conectivismo)>.

VALENTE, José Armando. A espiral de aprendizagem e as tecnologias da informação e comunicação: repensando conceitos. In: JOLY, M. C. R. A. (Org.). **A tecnologia do ensino: implicações para a aprendizagem**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

VIEIRA, Rosângela Souza. O papel da tecnologia da informação e comunicação na educação: um estudo sobre a percepção do professor/aluno. **Formoso**: Univasf, v.10, p. 66-72, 2011.

UNESCO Policy guidelines for mobile learning. **Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO)**. Paris, France, 2013. Disponível em: <http://www.bibl.ita.br/UNESCO-Diretrizes.pdf>. Acesso em: 05 dez. 2020.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, José Irailson Dantas e Maria Hilba de Oliveira Dantas, sendo as pessoas mais importantes da minha vida. Obrigada por serem os melhores do mundo. Tudo que sou, e serei um dia, não teria sentido se não tivesse vocês comigo.

Mãe, todo apoio foi essencial na minha caminhada, a senhora é meu maior exemplo de mulher, mãe e filha. Espero poder retribuir tudo que fizeram por mim com orgulho. As vitórias nunca serão apenas minhas, mas de nós três. Obrigada por não soltarem minha mão!

À minha família, agradeço o companheirismo, o amor e o apoio durante toda a minha vida, em especial à minha vó Idália Maria de Oliveira.

Às minhas primas por toda amizade durante nossas vidas, em especial na reta final da conclusão do meu trabalho, gratidão!

Ao meu companheiro, José Luan de Medeiros Dantas, por toda paciência e dedicação comigo durante o processo, por ser mais que um namorado, um amigo.

À professora Patrícia Cristina de Aragão pelas leituras sugeridas ao longo dessa orientação e pela dedicação.

Aos professores de História da UEPB que contribuíram ao longo de minha formação, por meio das disciplinas e debates, para o desenvolvimento desta pesquisa. Vocês são os melhores!

Aos colegas de faculdade pelos momentos de amizade e apoio, em especial agradeço à Jéssica Marília por me acompanhar durante a caminhada.

Aos meus amigos, por todos os momentos de amizade e alegria.

Gratidão a todos que fizeram e fazem parte da minha história!